

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

FERNANDO GLUCKLICH PIETRANERA

**A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES NAS  
CONFERÊNCIAS GERAIS DO CELAM**

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann

Porto Alegre  
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE TEOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

FERNANDO GLUCKLICH PIETRANERA

**A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES NAS  
CONFERÊNCIAS GERAIS DO CELAM**

PORTO ALEGRE

2019

**FERNANDO GLUCKLICH PIETRANERA**

**A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES NAS  
CONFERÊNCIAS GERAIS DO CELAM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann

PORTO ALEGRE

2019

**FERNANDO GLUCKLICH PIETRANERA**

**A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES NAS  
CONFERÊNCIAS GERAIS DO CELAM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada pela seguinte banca examinadora:

LOCAL E DATA DA APROVAÇÃO

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann – PUCRS (Orientador)

---

Prof. Dr. Rafael Martins Fernandes - PUCRS

---

Prof. Dr. Urbano Zilles.

PORTO ALEGRE

2019

*"Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus." (Mt 5,3)*

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar a compreensão do pobre nas Conferências Episcopais da América Latina e Caribe (CELAM). O intuito é analisar se, a cada uma das cinco Conferências que foram realizadas, houve evolução do pensamento sobre o pobre na teologia e nas conclusões dos documentos do CELAM. Nas Conferências do Episcopado há claramente a preocupação da Igreja latino-americana para com a pessoa e sua realidade, em tudo o que se constitui o tecido da vida humana, suas dificuldades, angústias, dramas e flagelos. O método ver-julgar-agir está presente de forma clara, possibilitando a análise e as conclusões que a Igreja precisava apresentar para a sociedade sobre o tema. A cada Conferência a Igreja mostrou, de forma atualizada, as necessidades do povo. E, assim, procurou as respostas à luz do Evangelho para que cada pessoa seja protagonista de sua existência e a Igreja se fizesse presente neste mundo da América Latina.

**Palavras-chave:** Igreja dos pobres- Pobreza - Teologia da Libertação – Conferência da América Latina – Opção preferencial.

## **ABSTRACT**

This paper aims to present the understanding of the poor at the Latin American and Caribbean Episcopal Conferences (CELAM). The purpose is to analyze whether, in each of the five Conferences that were held, there was an evolution of thinking about the poor in the theology and in the conclusions of the CELAM documents. In the Conferences of the Episcopate there is clearly the concern of the Latin American Church for the person and his reality, in all that constitutes the fabric of human life, its difficulties, anxieties, dramas and scourges. The see-judge-act method is clearly present, enabling the analysis and conclusions that the Church needed to present to society on the subject. At each conference, the Church updated the needs of the people. And so, he sought answers in the light of the Gospel so that each person could be protagonist of his existence and the Church would be present in this world of Latin America.

**Keywords:** Church of the poor - Poverty - Liberation Theology - Latin American Conference - Preferred option.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CEB's          Comunidades Eclesiais de Base
- CELAM          Conselho Episcopal Latino-americano
- AG      Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja do Concílio Ecumênico Vaticano II, 07/12/1965
- CDSI      Compêndio de Doutrina Social da Igreja, 2005
- CV      Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, do Papa Bento XVI, 2009
- DAp      *Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que Nele nossos povos tenha vida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Aparecida, 2007
- GS      Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje do Concílio Ecumênico Vaticano II, 07/12/1965
- MEDELLÍN      *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*. Conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano: Medellín, 1968
- PUEBLA      *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano: Puebla, 1979
- SD      *Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã: Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre (Hb 13, 8)*. Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano: Santo Domingo, 1992
- TdL      Teologia da Libertação
- URSS      União das Repúblicas Socialistas Soviéticas



## Sumário

<i>INTRODUÇÃO</i> .....	9
<i>1 A IGREJA E O POBRE: UMA FUNDAMENTAÇÃO</i> .....	12
<i>2 A EVOLUÇÃO DA NOÇÃO DE OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES NAS CONFERÊNCIAS GERAIS DO CELAM</i> .....	47
<i>3 EM BUSCA DE UMA SÍNTESE</i> .....	70
<i>CONCLUSÃO</i> .....	83

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema deste trabalho, *O Pobre nas Conferências do CELAM*, é fruto de uma vivência pastoral que tive, como presbítero, na região do Lami (Porto Alegre) e Itapuã (Viamão), quando fui organizador da então futura paróquia São João Paulo II de Porto Alegre. Por seis anos atendi o Hospital Colônia em Viamão, como presbítero, rezando missas, atendendo com a Unção dos Enfermos, em visitas pastorais, celebrações em datas das mais diversas. Passou naquela comunidade, antes de mim, a congregação das irmãs Franciscanas além do Frei Pacífico, entre outros. São inúmeras histórias de dor, tristeza, abandono e divisão, como, por exemplo, a necessidade e realização da construção de duas igrejas: uma para os doentes da hanseníase e outra para os chamados “sãos”. Outras histórias de acolhida, carinho, dedicação e amor por parte da comunidade católica expressa nos missionários acima citados. Histórias de quem teve que entregar os filhos para que ficassem aos cuidados das franciscanas. As crianças, então, eram levadas até o Hospital Colônia para que, do ônibus, fossem mostradas aos seus pais, que ficavam do lado de fora. Toda a ação se passava em poucos minutos. Em tudo isso não se podia deixar de pensar neles e em seus rostos. Quando iniciei esse estudo, não tinha a menor ideia de qual tema abordar no presente trabalho de conclusão. Contudo, desde o tempo de formação no Seminário Maior de Viamão, o tema dos pobres e seu respectivo rosto sobrevinham: esse é um dos muitos rostos que os pobres têm!

A partir desse “rosto dos pobres”, quis trabalhar e desenvolver o tema. O intuito do presente estudo é o de refazer o percurso das Conferências Episcopais realizadas na América Latina e Caribe. Com efeito, a indagação que guia esta dissertação é se o pensamento sobre o pobre evoluiu neste percurso, de quase quarenta anos passados entre as Conferências do CELAM, entre 1968 e 2007. Se essa evolução e entendimento estão transcritos, de forma implícita ou explícita, nos documentos do Magistério Latino-americano, conclusões à luz da Palavra de Deus para os povos da América Latina.

O método utilizado neste trabalho foi o bibliográfico comparativo, ou seja, a partir da pesquisa e levantamento bibliográfico, resumos etc., se reconstruiu o percurso

acerca do tema do pobre e, a partir disso, se estabeleceu a análise e comparação entre conceitos, raciocínios e visões. O percurso se dá de maneira histórica, passando pelo tema na Sagrada Escritura, na Doutrina Social da Igreja, Teologia da Libertação, em exemplos históricos de aplicação do conceito de pobre, nas Conferências do Episcopado Latino-americano, e, por fim, o presente trabalho apresenta uma síntese refletindo sobre a evolução desse pensamento.

No primeiro capítulo, intitulado “Refletindo sobre o conceito de pobre”, se aborda o conceito de pobre na Sagrada Escritura, onde se distingue duas vertentes básicas de concepção: o sentido de pobre como algo indigno do ser humano e uma segunda concepção de pobreza como atitude de total confiança em Deus. A Doutrina Social da Igreja, até aos dias de hoje, se consolidou na defesa da dignidade da pessoa humana, imagem e semelhança de seu Criador.

O pensamento sobre o pobre sempre esteve na Sagrada Escritura e também na prática da vida eclesial. Concretamente, a perspectiva dos empobrecidos pode ser exemplificada de muitos modos. Por isso, ainda no primeiro capítulo, se analisa a concepção da “Igreja dos pobres”, o “pacto das Catacumbas” e o fenômeno das “Comunidades Eclesiais de Base” como fenômenos recentes desse pensamento sobre o pobre e de como influenciou a renovação eclesial pós-conciliar. Nesse contexto, a teologia da Libertação tematiza o pobre e a sua libertação, bem como, a missão da Igreja para com o Reino de Deus e sua justiça.

O segundo capítulo é sobre “A opção preferencial pelo pobre nas Conferências Gerais do CELAM”. O tema da pobreza como um escândalo e resultado do pecado, desemboca na teologia e Magistério Latino-americano através da expressão “opção pelos pobres”. O livro do Êxodo mostra um Deus que age na história como libertador: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa de seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso descí a fim de libertá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” (Ex 3,7-8b). Nesse sentido, a opção pelos pobres será um programa eclesial e missionário. A Conferência do Rio de Janeiro não será abordada neste trabalho.

O terceiro capítulo, denominado “Em busca de uma síntese”, faz, como dito no título, uma síntese das várias conclusões do primeiro e segundo capítulos, a fim de concluir que espécie de desenvolvimento houve sobre a concepção do pobre na Igreja e a sua relevância para a Igreja Latino-americana. Por fim, concluiremos percebendo, através desse estudo, a resposta à problemática sobre a ampliação do sentido da palavra “pobre” no percurso da Igreja universal e, especificamente, nas Conferências do Magistério Latino-Americano.

## **1 A IGREJA E O POBRE: UMA FUNDAMENTAÇÃO**

Neste capítulo, se aborda o conceito de pobre na Sagrada Escritura, onde se distingue duas vertentes básicas de concepção: o sentido de pobre como algo indigno do ser humano e uma segunda concepção de total confiança em Deus. A pobreza é sinal, em uma palavra, do pecado. A Doutrina Social da Igreja, até aos dias de hoje, se consolidou na defesa da dignidade da pessoa humana, imagem e semelhança de seu Criador.

O conceito de pobre não é unívoco na Sagrada Escritura. Por isso, é preciso perceber as vertentes básicas do sentido da palavra “pobre” e como isso se expressa na Revelação, no Antigo e Novo Testamento.

### **1.1 NA SAGRADA ESCRITURA**

São várias as facetas da pobreza presentes nos relatos bíblicos. A pobreza é, em seu múltiplo significado, uma realidade fundamental sobre a qual repousa a revelação divina. É na pessoa dos pobres e para os pobres que Deus se revela. É um tema que perpassa tanto o Antigo quanto o Novo Testamento. A pobreza se apresenta na Sagrada Escritura tanto na dimensão social, referindo-se a condições sociais desfavoráveis, quanto à atitude do povo como uma confiança exclusiva em Deus e não nos homens, ou nas próprias forças ou capacidades, bem como nas relações interpessoais.

#### **1.1.1 No Antigo Testamento**

O conceito “pobre” tomou duas vertentes básicas: a primeira, a pobreza como algo que choca, que causa impacto, que modifica quem a percebe ou vivencia; a segunda, a pobreza como atitude espiritual, como que um caminho de infância para Deus, ou seja, uma total abertura, desprendimento, disponibilidade e confiança na ação libertadora de Deus.

Quanto à primeira vertente básica, a pobreza é algo que está totalmente em oposição ao projeto original de Deus em relação à pessoa humana, pois fere diretamente a sua dignidade ao cercear seus direitos mais básicos, pelo fato de ser a pessoa portadora da imagem e semelhança com o seu Criador (cf. Gn 1, 26-27). É a situação ou estado que obstaculiza a plena realização de suas potencialidades, capacidades e, por consequência, a realização de sua felicidade.

Deus vai se revelando aos patriarcas do Antigo Testamento como próximo de seus sofrimentos.

Uma tradição afirma que Javé prometeu ao patriarca Abraão: “Por ti serão abençoadas todas as famílias da terra” (Gn 12, 3). O Segundo Isaías (século VI) proclamou que Israel, o servo de Javé, seria uma “luz para as nações” (Is 49, 6). Os textos bíblicos reconhecem, portanto, um valor universal à experiência israelita de que Deus é um salvador para os oprimidos. Como era lógico, Israel chegou também a confessar Javé como criador dos céus e da terra<sup>1</sup>.

O livro do Êxodo testemunha essa ação libertadora de Javé: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa de seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo” (Ex 3, 7-8). O pobre não é apenas visto individualmente, mas como integrante de um povo.

De opção de Javé pelos oprimidos o êxodo passa a ser uma graça inescrutável

---

<sup>1</sup> PIXLEY, Jorge. BOFF, Clodovis, *Opção pelos Pobres*. Petrópolis, RJ: ed. Vozes, 1986, p. 44.

de Javé em cumprimento das promessas aos patriarcas. Isto não significa que se perdeu a lembrado privilégio do pobre aos olhos de Javé, mas ele foi assumido dentro de compromissos contraídos com os patriarcas<sup>2</sup>.

Há diversos termos para designar o pobre nos diversos livros do Antigo Testamento<sup>3</sup>. No livro dos Provérbios, o termo *rash* é detentor de um sentido neutro. Em todo o Antigo Testamento, o termo é empregado vinte e uma vezes. O termo *ébyôn* é empregado na linha teológica do profetismo bíblico, para referir-se ao pobre como aquele que deseja, que espera, que anseia pelo auxílio de outro; é o mendigo a quem falta algo. Este termo é empregado sessenta e uma vezes no Antigo Testamento, sobretudo nos Salmos e nos profetas. Ainda há outro termo, *dal*, também utilizado para fazer referência ao débil, ao fraco, ao impotente. Este termo é empregado quarenta e oito vezes no Antigo Testamento, de modo especial em Jó, nos profetas e nos Provérbios. A segunda vertente básica caracteriza pelo emprego das palavras *ani* e *anaw*. O termo *ani* se refere àquele que está encurvado, humilhado, sofrendo sob um jugo pesado, o que sofre por não poder realizar todas as suas capacidades e é o termo mais usado no Antigo Testamento: oitenta vezes, com uma ênfase muito grande nos Salmos e nos profetas. O outro termo, cuja raiz é a mesma do anterior, designa o humilde diante de Deus, descrevendo assim uma atitude religiosa, é o *anaw*, presente vinte e cinco vezes no Antigo Testamento, sendo uma única vez no singular, principalmente nos Salmos e Profetas.

### 1.1.2 No Novo Testamento

---

<sup>2</sup> Idem, 1986, p. 47.

<sup>3</sup> Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo, *Teologia da Libertação: perspectivas*. Trad. Jorge Soares. 5 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1985, p. 238-242.

No Novo Testamento encontra-se para pobre o termo grego *ptochós*<sup>4</sup>, indicando aquele que não tem o mínimo para a sua subsistência, o carente do básico, o mendigo, o necessitado. É empregado trinta e quatro vezes no Novo Testamento, sendo que na maioria das vezes designando esta ideia. Para referir-se ao sentido espiritual, emprega-se este termo apenas seis vezes ao longo do Novo Testamento, estando, porém, ao lado do cego, do mutilado, do leproso, do enfermo, conferindo, no entanto, um contexto imediato muito concreto.

Embora haja muitas concepções nos termos das Sagradas Escrituras, não deixa de ser verdadeiro que todas são como que um protesto contra a passividade, a cultura da pobreza, tida como algo que afronta a sacralidade da pessoa humana em todas as suas dimensões. Em uma palavra, trata-se de uma tomada de posição, um estado que rompe com a indiferença, que não cala, que por si só reclama uma atitude, uma postura de contestação perante as realidades que oprimem e que são geradoras da pobreza.

Com efeito, no profetismo o termo nunca foi empregado em seu sentido neutro. Referindo-se aos pobres, os Profetas sempre faziam ecoar um grito de protesto contra os ricos e poderosos. Deixam bem claro que não há pobreza que não seja a ação injusta de homens sobre outros homens, uma verdadeira indústria de vítimas da ganância, do egoísmo e do esbanjamento. Não existe ali apenas a descrição da situação de pobreza, mas a identificação clara dos seus responsáveis. No Novo Testamento há também a condenação dos ricos que exploram e oprimem, em particular em Lucas (cf. Lc 6, 24-25; 12, 13-21; 16, 19-31; 18, 18-26), bem como na Carta de Tiago (cf. Tg 2, 5-9; 4, 13-17; 5, 1-6).

Sempre é oportuno salientar que, quando se cita o tema “pobre” ou “pobreza”, nunca se fica no plano da mera constatação e denúncia deste estado. Há também medidas muito concretas, positivas, para pôr um fim nesta situação, evitando que o acúmulo de riquezas gere a exploração do fraco. Isso aparece claramente, por exemplo, que o excedente da produção será sempre do estrangeiro, do órfão e da viúva (cf. Dt 24, 19-21; Lv 19, 9-10). Até mesmo o sábado, dia do Senhor, bem como o dízimo trienal,

---

<sup>4</sup>Idem, 1985, p. 238.



têm uma função nitidamente social, em benefício das camadas mais vulneráveis, como o pobre, o estrangeiro, a viúva e o órfão.

O centro da religião mosaica sempre ligava o culto ao único Deus e a posse da terra, dois aspectos inseparáveis. Moisés tira o povo da terra da escravidão, para conduzi-lo à terra da promessa, onde poderá viver com a dignidade necessária para sua promoção. O mandamento do Gênesis é o critério com o qual não se permite a exploração do povo, não se permite que se crie um estado de pobreza e opressão, porque fere justamente a sua criação, como imagem e semelhança de Deus. A pobreza seria, portanto, uma ruptura, uma quebra, uma fissura na comunhão dos homens com Deus. A pobreza é sinal, em uma palavra, do pecado.

Todavia, a Bíblia também apresenta uma segunda linha de pensamento referente à pobreza, ao pobre: trata-se de uma disponibilidade, de uma abertura para Deus. É quando o homem não conta com suas próprias forças, capacidades e talentos, mas unicamente com o poder de Deus sobre a sua vida e sua história. Neste campo a Bíblia utiliza o termo *anawim*, fazendo referência ao pobre espiritual. Israel terá como futuro o “pequeno resto” (Is 4,3; 6,13; 7,3), e será justamente dali que surgirá o Messias prometido.

De maneira muito especial, os Salmos refletirão sobre a pobreza como uma atitude espiritual (cf. Sl 18, 27-28), reconhecendo e abandonando-se em Javé (cf. Sl 9, 19). A esperança, o temor, a observância dos mandamentos, a justiça e a integridade dos pobres, tudo isso é expresso de uma maneira muito viva no livro dos Salmos.

A pobreza é um estado escandaloso. A pobreza é uma atitude de abertura para Deus, de infância espiritual. O esclarecimento destas duas acepções do termo pobreza desembaraça-nos o caminho e permite-nos prosseguir rumo a melhor compreensão do testemunho cristão de pobreza, graças a uma terceira acepção: a pobreza como compromisso de solidariedade e protesto.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Idem, 1985, p. 245.

Esta total abertura e disponibilidade para Deus encontra sua maior expressão nas bem-aventuranças do Novo Testamento. No Evangelho de Mateus, “bem-aventurados os pobres de espírito” (Mt 5, 3), significa a acolhida incondicional e disponível à palavra de Deus. Já em Lucas, a expressão adquire uma preocupação maior com a questão social. Mais especificamente, a pobreza social seria condição para a pobreza espiritual (cf. Lc 6, 21-24). Não se trata, porém, em Lucas, de dizer que os pobres socialmente já adquiriram pela simples posição econômica a posse do reino.

À declaração do caráter “bem aventurado” dos pobres, porque o Deus da Bíblia é o Deus da justiça e dos pobres, *junta-se* outra noção que complementa a primeira: a pobreza espiritual (infância espiritual) é condição necessária para ouvir a revelação sobre o Reino<sup>6</sup>.

## 1.2 NA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

A preocupação para com o pobre é de capital importância, haja vista que a pessoa humana foi criada à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26). É o ponto mais alto da criação. A graça, que Deus se utiliza para fazer com que a pessoa chegue ao seu conhecimento e seja, na vida, um sinal do Cristo vivo, pressupõe uma natureza humana concreta, na sua historicidade. E na medida em que essa natureza é vilipendiada, despojada da sua mais alta dignidade e de seus mais elementares e fundamentais direitos, compromete-se a plena comunhão com Deus, fim último de todo homem. O próprio Deus toma as vestes da humanidade, toma um rosto humano.

Em Cristo Senhor, a Igreja indica e entende, ela mesma por primeiro, percorrer a via do homem, que convida a reconhecer em toda e qualquer pessoa, próxima ou distante, conhecido ou desconhecido, e sobretudo no

---

<sup>6</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo, *Pobres e libertação em Puebla*. São Paulo, SP: ed. Paulinas, 1980, p.42.

pobre e em quem sofre, um irmão pelo qual Cristo morreu (CDSI, 105).

O CDSI utiliza o termo “humanismo integral e solidário” para definir a sua atitude para com a pessoa humana e também para com o pobre. Esse humanismo é cristológico enquanto se refere ao seu fundamento mais importante.

No ponto 182 do CDSI, se afirma que

*O princípio da destinação universal dos bens requer que se cuide com particular solícitude dos pobres, daqueles que se acham em posição de marginalidade e, em todo caso, das pessoas cujas condições de vida lhes impedem um crescimento adequado. A esse propósito deve ser reafirmada, em toda a sua força, a opção preferencial pelos pobres<sup>7</sup>.*

O ponto seguinte do Compêndio (n. 183) recorda que o realismo cristão impede de se aceitar qualquer messianismo terreno “messianismos que alimentam a ilusão de que se possa suprimir deste mundo de maneira total o problema da pobreza. Isto acontecerá somente no Seu retorno, quando Ele estará de novo conosco para sempre”.

O ponto 184 do Compêndio lembra que, desde as origens, por inúmeras obras de beneficência, através das obras de misericórdia espirituais e corporais, da esmola, a Igreja se fez presente ao lado dos pobres, também propondo a superação de um amor egoístico às riquezas.

A Doutrina Social da Igreja vem orientar a defesa do ser humano, na sua integralidade, especialmente os mais fracos. A pobreza cristã, afirma Gutiérrez,

é um ato de amor e de libertação. Tem valor redentor. Se a causa última da exploração e alienação do homem é o egoísmo, a razão profunda da pobreza

---

<sup>7</sup> Grifo do autor.

voluntária é o amor do próximo. Não pode então ter sentido de pobreza cristã a não ser como compromisso de solidariedade com os pobres, com aqueles que sofrem miséria e injustiça, a fim de testemunhar o mal que estas representam, como fruto do pecado e ruptura de comunhão.<sup>8</sup>

### 1.2.1 Justificativa do Tema

Vivendo em sociedade, pela sua característica de ser social, ser de relações, a pessoa humana é o sujeito, o fundamento e o fim da vida social, para que possa realizar todas as suas capacidades, de acordo com a imagem que o Criador a constituiu (cf. CDSI 110). Todo o tecido social tem sua origem na pessoa. O bem da sociedade serve para o bem da pessoa, e, reciprocamente, o bem da pessoa reflete, resulta, se expressa no bem da sociedade. Em todos os assuntos que implicam a dignidade da pessoa humana, a Igreja, através da sua Doutrina Social, manifesta a sua voz, como tutora e promotora desta prerrogativa, que é o resultado direto da filiação divina do ser humano.

O cristão sabe poder encontrar na doutrina social da Igreja os princípios da reflexão, os critérios de julgamento e as diretrizes da ação donde partir para promover esse humanismo integral e solidário. Difundir tal doutrina constitui, portanto, uma autêntica prioridade pastoral (...) (CDSI, 7) .

O pecado opõe-se diretamente à dimensão social do homem. Quando se vive em função de Deus e para Deus, a dimensão relacional do homem é correta e plenamente realizada. A presença do pecado inverte o movimento do homem para viver em sociedade, em função do outro, no amor, de acordo com o projeto original do Criador, por meio de uma doação gratuita e incondicional, fazendo-o pensar somente em si mesmo, criando situações de exclusão, de miserabilidade, de opressão, tornando objeto aquele que é sujeito da vida social. O egoísmo, que é fruto do pecado, impossibilita na

---

<sup>8</sup> GUTIÉRREZ, 1985, p. 247.

sua base o desenvolvimento não só dos outros, mas de quem mesmo sofre desta chaga. Aqui reside a preocupação da Igreja com a questão social da pessoa humana.

O Compêndio de Doutrina Social da Igreja afirma que na raiz das lacerações pessoais e sociais, que ofendem em vária medida o valor e a dignidade da pessoa humana, encontra-se uma ferida no íntimo do homem:

*À luz da fé chamamos-lhe pecado, começando pelo pecado original, que cada um traz consigo desde o nascimento, como uma herança recebida dos primeiros pais, até aos pecados que cada um comete, abusando da própria liberdade. A consequência do pecado, enquanto ato de separação de Deus, é precisamente a alienação, isto é, a ruptura do homem não só com Deus, como também consigo mesmo, com os demais homens e com o mundo circunstante. A ruptura com Deus desemboca dramaticamente na divisão entre os irmãos. Na descrição do primeiro pecado, a ruptura com Javé espedaçou, ao mesmo tempo, o fio da amizade que unia a família humana; tanto assim que as páginas do Gênesis que se seguem nos mostram o homem e a mulher, como que a apontarem com o dedo acusador um contra o outro; depois o irmão que, hostil ao irmão, acaba por tirar-lhe a vida. Segundo a narração dos fatos de Babel, a consequência do pecado é a desagregação da família humana, que já começara com o primeiro pecado e agora chega ao extremo na sua forma social. Refletindo sobre o mistério do pecado não se pode deixar de considerar esta trágica concatenação de causa e efeito (CDSI 116, grifo do autor).*

A ruptura com Deus é expressa no escândalo da pobreza e da miséria, colocando em risco o fim último do homem. Por isso, dentro do princípio personalista<sup>9</sup>, a Doutrina Social da Igreja levanta sua voz contra tudo aquilo que mancha, rompe, compromete o tecido social. Há, portanto, um compromisso efetivo de cada um pelo seu próximo, pelo seu irmão: “E ao homem pedirei conta da alma do homem, seu irmão” (Gn 9,5). Não há autêntica relação com Deus quando se desconsidera ou até mesmo se despreza a vida do outro. O ponto mais alto no cuidado com o próximo encontra sua expressão no

---

<sup>9</sup> “Corrente filosófica do século XX cuja inspiração se encontra na visão cristã do ser humano. Neste sentido, o cristianismo dá ao indivíduo um valor absoluto, pois acredita que a pessoa deve ser o centro de qualquer explicação sobre a realidade, uma vez que o ser humano é feito à imagem e semelhança de Deus”. Disponível em <<https://conceitos.com/personalismo/>>. Acesso em 21 de julho de 2019.

mandamento positivo: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19,18), levada a cabo pelo próprio Jesus Cristo, no novo mandamento do amor.

Quando aborda o tema da dignidade humana, mais especificamente o respeito a ela devido, a Doutrina Social da Igreja deixa muito clara a exigência da alteridade, da empatia, do comprometer-se com o outro, observando se os meios que a outra pessoa tem para a sua subsistência condizem com sua dignidade e ainda a promovam:

O respeito pela dignidade da pessoa não pode absolutamente prescindir da obediência ao princípio de considerar ‘o próximo como outro eu’, sem excetuar nenhum, levando em consideração antes de tudo a sua vida e os meios necessários para mantê-la dignamente (CDSI, 132).

Ressaltando o conceito de pessoa, a Doutrina Social da Igreja atribui a este as prerrogativas de inteligência, memória, vontade, liberdade e responsabilidade. Tudo o que restringe o uso da liberdade, reduzindo a pessoa a mero objeto, deve ser condenado. Estruturas sociais, econômicas e políticas que restringem ou suprimem por completo, por seu dinamismo injusto, o uso do dom da liberdade, que reflete a semelhança entre a pessoa humana e seu Criador, deve ser alvo de atitudes e iniciativas que promovam a libertação. Nesse sentido o pobre tem um olhar privilegiado da atenção eclesial, pois está despojado do exercício desta faculdade.

Toda a realidade criada deixa os vestígios do seu Criador (cf. Rm 1, 19-20), assim como uma obra de arte deixa transparecer certas características do artista que a confeccionou. Ver todas as coisas em sua origem, em seu começo, nos coloca numa fraternidade com toda a criação, com todos os viventes, como Francisco de Assis. A árvore, a estrela, o pássaro, os animais, só nos são estranhos na medida em que esquecemos nossa origem comum.

[...] a comunicação do mistério de Deus se fez a modo de apequenamento, de quénose. A encarnação de Cristo supõe um duplo apequenamento. O primeiro, o recolhido incessantemente pela tradição cristã como o tornar-se homem. O segundo, sublinhado pela Igreja dos pobres, o fazer-se carne frágil

e solidária com os pobres.<sup>10</sup>

Por isso Jesus pode fazer este pedido: “não peço, Pai, que os tires do mundo; peço que os preserves do mal” (Jo 17, 15). E fez-nos também pedir cada dia: “livrai-nos do mal” (Mt 6, 13). Livrai-nos do mal, só do mal, porque tudo o mais no mundo é bom, tudo o mais pertence à bondade do Pai, reflete a beleza do Pai. Todo o universo criado, participando do Ser absoluto, possui sua bondade intrínseca: "E Deus viu que era bom" (Gn 1, 25), repete o autor sagrado no livro do Gênesis. A partir de Jesus o mundo não é mais um obstáculo para se chegar a Deus. Assim, estar no mundo é ter a grande chance de estar em Deus e de se encontrar com Ele.

O pecado como que obscureceu a inteligência, fazendo com que a Criação não mais remeta ao seu Criador, tornando-a objeto de exploração, vilipendiando a sua profunda dignidade. Tudo pode ser utilizado para proveito imediato, sem sequer mensurar as consequências dessa objetificação à médio e longo prazo. A origem comum de todo o criado não mais é percebida como o fundamento da sua dignidade.

Em se tratando da pessoa humana, esse tema adquire uma relevância e urgência toda especial. Ápice da criação, o ser humano recebeu de Deus a missão de guardar e cultivar a terra. É, portanto, colaboradora no cuidado e manutenção de tudo aquilo que a cerca. “Ide pelo mundo inteiro e pregai o Evangelho à toda criatura” (Mc 16,16). Jesus não diz: pregai o Evangelho aos homens; nem simplesmente: ensinai-o às pessoas. Diz: pregai o Evangelho à toda criatura, e ensinai todas as nações. Pregai o Evangelho à toda criatura, a todas as criaturas, a fim de que tudo se insira no plano do Pai Celeste. Os seres criados simbolizam a grandeza de Deus e sua proximidade. O rei desta criação, o homem, deve ser um como embaixador do mundo material, um pontífice, emprestando-lhe a voz para louvar e bendizer o divino Criador. Tornado nova criatura no Espírito Santo, o homem pode e deve amar até mesmo as coisas criadas, pois as recebeu de Deus

---

<sup>10</sup> SOBRINO, Jon, *Ressurreição da Verdadeira Igreja: Os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo, SP: Ed. Loyola, 1982, p. 158.

e as respeita, vindas da mão de Deus. Aproveitando as criaturas, em pobreza e liberdade de espírito, o homem é introduzido no verdadeiro senhorio do mundo.

A Teologia, refletindo e fazendo surgir o conceito de pessoa, referindo-se primeiramente às Pessoas divinas, chega à conclusão de que pessoa humana quer dizer, fundamentalmente, relação. Ser humano é aquele que é capaz de se relacionar. Não se trata, no entanto, de qualquer relação, visto que outras criaturas também, a seu modo específico, têm a sua capacidade de se relacionar. Mas o que define o campo do humano é a relacionalidade amorosa, muito mais profunda, humana e, ao mesmo tempo divina. "Deus é amor" (1Jo 4, 18), diz a carta de São João. À medida que se ama, mais a imagem do Criador transparece. Portanto, quando se reflete dentro do âmbito antropológico, não se pode abstrair a sua capacidade de amar. E esta capacidade, por sua vez, é totalmente sufocada pelas situações de pecado, de egoísmo, de ganância. O amor que, se praticado, vivenciado e colocado ao serviço do irmão como diaconia, torna o ser humano à imagem do seu Criador. Amar é a capacidade de sair de si mesmo – movimento diametralmente oposto ao egoísmo, que faz tudo e todos girar em torno de si próprio – vai ao encontro do outro; caminha-se como que pela sua própria exigência intrínseca, em direção ao outro de modo totalmente gratuito, desprovido de intenções compensatórias, exatamente como o praticou Jesus de Nazaré, o Ápice da Revelação, ao entregar-se na Cruz como oferta viva, trazendo vida.

A caridade dá verdadeira substância à relação pessoal com Deus e com o próximo; é o princípio não só das microrelações estabelecidas entre amigos, na família, no pequeno grupo, mas também das macrorelações como relacionamentos sociais, económicos, políticos. Para a Igreja — instruída pelo Evangelho —, a caridade é tudo porque, como ensina S. João (cf. 1 Jo 4, 8.16) e como recordei na minha primeira carta encíclica, “Deus é caridade” (*Deus caritas est*): *da caridade de Deus tudo provém, por ela tudo toma forma, para ela tudo tende*. A caridade é o dom maior que Deus concedeu aos homens; é sua promessa e nossa esperança (CV 2, grifo do autor).

Deus está em conexão com o mundo através de seu ato criativo. O mundo criado por Deus é distinto dele, tem suas leis, tem a liberdade de cada pessoa humana. Deus pode entrar em relação íntima com o homem. Mas o mesmo homem dentro da criação é



uma realidade livre, irreduzível. É um espírito que pode determinar a realidade natural de forma muito poderosa e eficaz. Uma ação de Deus sobre o homem afeta a todo o cosmos.

### 1. 2. 2 Relevância histórica do tema para a Doutrina Social da Igreja

Consideráveis foram as transformações ocorridas no âmbito social, político e econômico nos últimos cinquenta ou sessenta anos, implicando a exigência de um repensar profundo acerca da dignidade da pessoa humana, conforme o apelo do Concílio Vaticano II. Na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* aparece essa urgência da reflexão sobre o homem em meio a estas inúmeras transformações. A fé jamais poderá ficar alheia ao que diz respeito à pessoa humana, visto ser este um ser histórico, e na sua historicidade recebe a salvação última prometida por Deus como a realização plena dos anseios de felicidade, inscritos e procurados pelo coração humano.

Considerando os aspectos acima mencionados, dentro de uma teologia da criação, foi de suma importância que o Concílio Vaticano II trouxe novamente ao horizonte das discussões o mundo concreto, de modo todo especial o homem e seu processo de conversão, mudando, portanto, as estruturas para que favoreçam a manutenção de sua profunda dignidade. A Teologia da Libertação, mais precisamente, preocupou-se com todas as esferas que implicam, que modificam, que influenciam e definem o destino da pessoa em sua busca pela plena realização.

A Teologia da Libertação coloca-se decididamente a favor da tendência teológica que acentua fortemente a unidade histórico-salvífica da existência humana... O homem na realidade só tem uma vocação: a participação da vida divina, gratuitamente concedida por Deus. Esta única vocação engloba as tarefas humanas da construção de um mundo humano, não dando margem a atitudes evasivas e à alienação dos compromissos históricos. Nesta perspectiva unitária da história, a práxis libertadora assume um valor

diretamente cristão.<sup>11</sup>

Neste ínterim, a pessoa do pobre teve um olhar todo especial, porque em suas limitações, em suas fragilidades, em sua vulnerabilidade, aproxima-se, de acordo com os relatos evangélicos, a Cristo pobre e crucificado. São as situações e estruturas geradoras de pobreza o objeto de maior atenção, porque estas ferem diretamente a dignidade humana, devendo, portanto, a partir da conversão, ser superadas, possibilitando a libertação integral do ser humano e, desse modo, devolvendo a ele a possibilidade de ser o liturgista da criação, exatamente como no projeto original de Deus em relação ao homem.

“A maior parte do mundo ainda se debate em tão grande penúria que o próprio Cristo, nos pobres, como que em alta voz, clama pela caridade de seus discípulos” (GS 88). Privar a pessoa, imagem do Criador, que é amor em essência, das condições básicas de vida, tolhendo impiedosamente os seus direitos mais fundamentais, é uma espécie de pecado que clama aos Céus, como, por exemplo, a exploração do órfão e da viúva, o homicídio voluntário, e a defraudação do salário do trabalhador.

Essa situação atual do homem latino-americano e a experiência primária que dela deriva, permitem articular a experiência de Deus de diversas formas. A formulação dessa experiência pode dar-se também em outras formas de ser Igreja que historicamente não sejam descritas como Igreja dos pobres, mas na Igreja dos pobres as mesmas formulações tornam “mais evidentes” seus conteúdos”.<sup>12</sup>

Parte da atividade teológica na América Latina, a partir do Concílio Vaticano II, empenha-se em combater tudo aquilo que impede a promoção humana em todas as suas

---

<sup>11</sup> RUBIO, Alfonso García, *Teologia da libertação: política ou profetismo? : visão panorâmica e crítica da teologia política latino-americana*. 2. ed. São Paulo, SP: ed. Loyola (Col. Fé e Realidade, 3), 1983, p. 160-175.

<sup>12</sup> SOBRINO, 1982, p. 148-149.

esferas. Por isso a preocupação, o olhar, a atenção, recai sobre a pessoa do pobre. Este é agora um lugar teológico preferencial, porque neles – nos pobres – Cristo está presente de um modo todo diferenciado e especial, e porque a situação de pobreza provocada por estruturas injustas é um grave sintoma da degradação provocada pelo pecado. O rosto do pobre é o rosto do Crucificado.

### 1.3 EXEMPLOS TÍPICOS DA PERSPECTIVA DO POBRE NA VIDA DA IGREJA

O pensamento sobre o pobre sempre esteve na Sagrada Escritura e também na prática da vida eclesial. Concretamente, a perspectiva dos empobrecidos pode ser exemplificada de muitos modos. Escolhemos analisar a concepção da “Igreja dos pobres”, o “pacto das Catacumbas” e o fenômeno das “Comunidades Eclesiais de Base”. A “Igreja dos pobres” é uma expressão e compreensão que ganhou força na época do Concílio Vaticano II, e junto com o “pacto das Catacumbas”, servirá de inspiração para a teologia da Libertação na América Latina e para o Magistério local, bem como, para o surgimento das CEB’s.

#### 1.3.1 O Conceito de pobre no teólogo Yves Congar e no papa João XXIII

O teólogo francês Yves Congar criou a expressão “Igreja dos pobres”<sup>13</sup>, que intitula seu livro escrito em 1963.

---

<sup>13</sup> A Igreja dos pobres é uma concepção que se inspirou no livro *Jesus, a Igreja e os pobres* de Paul Gauthier e no texto *Pour une Église servante et pauvre* de Yves Congar. (BEOZZO, José Oscar. Presença e atuação dos bispos brasileiros no Vaticano II In Cf. LOPES GONÇALVES, P. S.; BOMBONATTO, Vera Ivanise, *Concílio Vaticano II. Análise e perspectivas*. São Paulo, SP: ed. Paulinas, 2004, p. 147-148). A mensagem do Papa João XXIII, em 11 de setembro, trouxe ao Concílio a questão da pobreza. O Cardeal Lercaro, então arcebispo de Bolonha, fez uma intervenção ao final da

Já não se vive, na sociedade, uma uniformidade religiosa, onde todos acatam sem hesitação a uma autoridade, quer no âmbito religioso ou em qualquer outro. Em uma época que não se vive mais apenas sob uma unidade religiosa, onde diversas vezes se levantam outorgando a si mesmas uma resposta acerca do sentido da pessoa humana, tais como, por exemplo, o mundo dos negócios, o mundo da estética e outros diversos areópagos, os homens de nosso tempo já não se submetem a uma única autoridade religiosa. Há uma divisão no seio da humanidade que parece ser definitiva. Nesse sentido, o desafio da Igreja no mundo contemporâneo é o de resgatar a sua verdadeira identidade neste mundo, ou seja, aquela que, seguindo bem de perto o Mestre, não veio para ser servida, mas para servir. Servir principalmente aos que mais se encontram expostos à violação da sua dignidade de pessoa humana: os pobres.

Não satisfaremos às exigências mais verdadeiras e mais profundas da nossa época, não responderemos à esperança de unidade partilhada por todos os cristãos, se fizermos somente do tema da evangelização dos pobres um dos numerosíssimos temas do Concílio. Se, como foi dito várias vezes aqui mesmo, é exato afirmar que o fim deste Concílio é tornar a Igreja mais conforme à verdade do Evangelho e mais apta a responder aos problemas da nossa época, pode-se dizer que o tema central deste Concílio é a Igreja precisamente tal qual é a Igreja dos pobres<sup>14</sup>.

A missão da Igreja sempre se deu procurando tocar a eternidade e o tempo, e para isso procurou se utilizar como ferramenta aquilo que cada época apresentava como veículo de influência da esfera social. Hoje, os tempos são outros, os desafios são novos, as exigências são maiores e mais complexas, e tudo isso fez com que a Igreja aderisse a outras ferramentas de trabalho para tocar o homem, conduzir este a Deus, a um sentido maior, a um compromisso, portanto, maior, deixando de lado as antigas formas de estar presente no mundo. O mundo voltou a ser mundo, e a Igreja, portanto,

---

primeira sessão dizendo que o “tema do Concílio é a Igreja, e particularmente a Igreja dos pobres”. (Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *La Chiesa e I Poveri, Visti Dall’America Latina* In ALBERIGO, Giuseppe; JOSSUA, Jean-Pierre, *Il Vaticano II e la Chiesa*. Brescia: Paideia Editrice Brescia, 1985, p. 244).

<sup>14</sup> CARD. LERCARO, *Documentos do Concílio*, col. 321, n. 2, 03 de março de 1963 in CONGAR, IVES M. J., *Igreja Serva e Pobre*, ed. Logos: Lisboa, 1968, p. 145.

precisa voltar a ser Igreja, reorientar sua ação apostólica para a mensagem evangélica das origens, que é ao mesmo tempo a resposta única e verdadeira que os homens de hoje estão buscando no seu conturbado mundo dos negócios. “Que a Igreja seja menos do mundo e esteja mais no mundo; que ela não seja senão a Igreja de Jesus Cristo, a consciência evangélica dos homens, mas que seja isso!”.<sup>15</sup>

Perguntemo-nos agora se a Igreja dos pobres é *verdadeira* Igreja, e mais ainda se é *a* verdadeira Igreja. Não fazemos esta pergunta no sentido tradicional e técnico de distinguir igrejas verdadeiras de outras igrejas hereges e cismáticas, mas no sentido de saber se nessa Igreja dos pobres existe o que podemos chamar a substância da primeira eclesialidade, isto é, a fé, a esperança, o amor, a presença de Cristo, a missão, etc., e se existe em maior plenitude do que em outras formas de ser igreja, e se por sua própria estrutura histórica de ser Igreja “dos pobres” está melhor assegurada a primeira substância eclesial.<sup>16</sup>

Não mais uma Igreja que se apoia no brilhantismo, no jurisdicismo, em instâncias que vêm de cima para baixo, mas, ao contrário, procura desempenhar sua missão no seio do mais frágil do que é humano, seguindo o exemplo evangélico das bem-aventuranças, reencontrando o rosto de Cristo nos pobres, através de um tripé claramente presente nas comunidades do Novo Testamento: comunidade, serviço, testemunho. Esta forma de agir eclesial é um penetrar na verdade mais profunda, de acordo com Yves Congar:

Os traços que definem o estilo evangélico de presença encontram-se indicados nos Atos dos Apóstolos e nos escritos do Novo Testamento. Podemos resumi-los a estes três termos, de uma enorme densidade espiritual: *Koinônia*, *Diakonia*, *Martyria* (Comunidade, Serviço, Testemunho).<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> CONGAR, 1968, p. 135.

<sup>16</sup> SOBRINO, 1982, p. 107.

<sup>17</sup> CONGAR, 1968, p. 135.

O Concílio Vaticano II pretendeu um *aggiornamento*, uma atualização acerca do mistério da Igreja e das suas estruturas pastorais. Superando, assim, estruturas de tal forma enrijecidas e arcaicas que não são mais do que obstáculos para se ir ao encontro dos homens, isto é, uma Igreja *para* os outros, que vai ao encontro, que promove encontro, senso de comunidade, fortalecimento de vínculos e de identidade, para que a semente da transformação do mundo ganhe eficácia. Toda a suntuosidade nas vestimentas, o grande nível de abstração da linguagem empregada, etc., só serviram como instrumentos de isolamento e distância.

Dando efetividade ao mandato do próprio Cristo, a Igreja, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, teve um olhar mais atento e aproximado aos pobres. Essa identidade eclesial foi reafirmada por João XXIII em 11 de setembro de 1962: “A Igreja é e quer ser a Igreja de todos e particularmente a Igreja dos pobres”<sup>18</sup>.

Nesse sentido, Jon Sobrino reflete sobre o efeito de se pensar numa “Igreja dos pobres”:

Além disso, os pobres são – por seu próprio conteúdo concreto, o lugar de mudar radicalmente o princípio último em torno do qual frequentemente se organizou a Igreja. Quando o Vaticano II tratou de mudar uma eclesiologia hierarcológica na outra eclesiologia do povo de Deus, certamente estava se orientando para uma mudança no conceito de autoridade. Mas indiretamente estava apontando para outra mudança mais radical no conceito de poder. Trata-se, no fundo de terminar com uma noção de poder como mediação de Deus. Mas sempre que, consciente ou inconsciente, o centro da Igreja se pensa e se realiza a partir do poder, seja administrativo, dogmático ou teológico, a Igreja não mudará muito – como se mostra na realidade das igrejas do primeiro mundo, liberalizadas depois do Vaticano II – embora se evitem algumas aberrações mais crassas.<sup>19</sup>

Todo o esforço por parte daqueles que estão constituídos em autoridade no âmbito eclesial deve ser voltado, alimentado, fortalecido no sentido do serviço. Disso

---

<sup>18</sup> PAPA JOÃO XXIII, DISCURSO *MENSAGEM AO MUNDO* (11 de outubro de 1962) in CONGAR, 1968, p. 145.

<sup>19</sup> SOBRINO, 1982, p. 106.

fica evidente a ideia de ser, a autoridade eclesial, “servo dos servos” de Deus, que é Senhor e Príncipe da Paz.

O Cordeiro imolado não abriu a boca diante dos perseguidores. Com a sua morte indica-nos o segredo da verdadeira fecundidade. Que esta lei seja uma chamada persuasiva para aqueles que têm a responsabilidade das novas gerações: os pais, os educadores. Quem quer que esteja investido em autoridade, deve considerar-se ao serviço dos seus irmãos. Que esta lei seja um convite especial, na harmonia da obediência da disciplina fraterna e da solidariedade, a todos aqueles que se esforçam por difundir no mundo a luz do Evangelho, o reflexo da Ressurreição de Cristo.<sup>20</sup>

A partir do Concílio, a Igreja vê ressurgir um profundo sentimento de unidade, que se manifesta na fraternidade cristã, tendo como expressão no Símbolo dos Apóstolos a afirmação da Igreja como una, santa, católica e apostólica, isto é, presente em todo orbe como aquela mãe servidora e atenta, à serviço de todas as nações e culturas. É a Igreja que se abre, deixando de ser dominadora, ao serviço, à comunhão, à caridade, à fraternidade.

É necessário focalizar o fato da pobreza a partir das bem-aventuranças. O que sistematicamente propõem as bem-aventuranças é uma quénose salvífica, mas que para ser salvífica tem que ser quénose. A aceitação ativa da própria pobreza imposta, a solidarização efetiva com os pobres reais e a perseguição que sobrevém por causa de “sua” justiça, é a base espiritual da Igreja dos pobres.<sup>21</sup>

Há ainda um grande esforço a ser feito no sentido de uma nova compreensão da eclesiologia que sirva aos mais fracos, no seguimento das bem-aventuranças. É mais do que urgente compreender a Igreja como povo único de Deus, composta tanto pela hierarquia mas também por todos os fiéis leigos. A Igreja não se resume apenas na sua

---

<sup>20</sup> PAPA JOÃO XXIII, *MENSAGEM PASCAL* (1963) in CONGAR, 1968, p. 142.

<sup>21</sup> SOBRINO, 1982, p. 147.

dimensão hierárquica, mas todo batizado a constitui como corpo. Os fiéis não são apenas clientela. Muito trabalho há de ser feito para que os clérigos assumam a postura de servidores, sem que a Igreja perca sua estrutura hierárquica.

Com isso não se quer dizer que não haja ou que não deve haver hierarquia, postos de autoridade na Igreja. Existe, de fato, um poder de jurisdição recebido do próprio Cristo, mas este poder em hipótese alguma poderá ser exercido fora do autêntico espírito evangélico, dentro da estrutura de uma relação religiosa. Trata-se de um fator de organização querido pelo mesmo Cristo Jesus, única Cabeça desse Corpo. Todos os demais membros possuem uma responsabilidade para com os outros, devem colocar-se ao serviço dos demais irmãos. Todos são devedores de todos, segundo o lugar que cada um ocupa e a medida que lhe foi atribuída.

A relação autoridade/subordinado somente adquire sua validade se vier do Senhor e estiver no Senhor. Ambos – superior e subordinado – devem servir a Deus e aos irmãos, reconhecendo que tudo é graça de Deus, distribuída sem limites a todos, sem exceção. “O superior tem verdadeiramente um posto de autoridade, mas dentro de uma comunidade fraterna de serviço”<sup>22</sup>.

Temos ainda muito a fazer para passar do simples plano moral, em que agimos com espírito pessoal de humildade e de serviço, mas dentro de estruturas de casta e de caça guardada, para o plano das concepções eclesiológicas em si mesmas. Segundo S. Paulo, os ministros instituídos são, na Igreja, o que são as articulações ou os nervos que asseguram o bom funcionamento de todo o corpo vivo, (cf. Ef. 4,16); o seu múnus é “organizar os santos (isto é, os fiéis) para a obra do ministério” que incumbe a todos e cujo termo é a construção do Corpo de Cristo”.<sup>23</sup>

### 1.3.2 Pacto das Catacumbas

---

<sup>22</sup> CONGAR, 1968, p. 96.

<sup>23</sup> Idem, 1968, p. 138.



Alguns bispos que fizeram parte do Concílio Vaticano II e influenciaram a aplicação do mesmo, podem ter sido os que fizeram parte do chamado “Pacto das Catacumbas”.

A três semanas do encerramento do Concílio Vaticano II, nas Catacumbas de Santa Domitila, na periferia de Roma, de maneira discreta, um grupo de padres conciliares celebrou a Eucaristia sobre o túmulo dos mártires Nereu e Aquileu e assinou um compromisso de vida, trabalho e missão que ficou conhecido como Pacto das Catacumbas. No dia 16 de novembro, celebram-se cinquenta anos (1965-2015) desse momento memorável, que marca a primeira recepção coletiva do Concílio Vaticano II. Ela foi precedida poucos meses antes, a partir da Quaresma de 1965, da entrada em vigor da reforma litúrgica, trazida pela Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Liturgia. Essa “recepção” pelo Pacto traz uma marca toda especial. Aqueles bispos, pouco mais de quarenta, aos quais se somaram, nos dias seguintes, outros quinhentos, assumem o Concílio como um caminho de conversão e de compromisso pessoal com os pobres, seus sofrimentos, suas necessidades, suas lutas e esperanças. Não pregam para os outros, mas examinam a si mesmos e à sua Igreja. Assumem o propósito de ser pastores identificados com seu rebanho e querem que sua Igreja seja servidora e pobre.<sup>24</sup>

Durante o papado de Paulo VI, no término do Concílio Vaticano II, que acontecera durante os anos de 1962 e 1965, a Igreja Católica buscou tratar de temas atuais no mundo e do próprio catolicismo. Entrava em debate questões muito sensíveis do século XX, entre elas, o tema da pobreza.

Com efeito, mais de quarenta bispos assinaram um acordo, que deram o nome de Pacto das Catacumbas. Esse tratado era um comprometimento pessoal e eclesial em reverter o escândalo da pobreza do mundo. A Igreja fora chamada a ser mais solidária com os pobres. Não se trata de viver na miséria, mas de viver com simplicidade sem faltar a dignidade para se viver. É ter o suficiente para cada um de modo que não falte para ninguém por alguém ter a mais. Esse Pacto celebrado nas Catacumbas de Santa Domitila, era um compromisso real no engajamento pastoral com os pobres<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> BEOZZO, José Oscar, *Pacto das Catacumbas: por uma Igreja servidora e pobre*. São Paulo, SP: Ed. Paulinas, 2015, p. 9.

<sup>25</sup> Idem, 2015, p. 27.

Outros bispos, cerca de quinhentos,

se comprometeram posteriormente em abrir mão de símbolos de poder e se colocaram mais diretamente com a vida dos pobres, com os valores da paz, caridade e justiça. Verdadeiramente abriram mão de serem “príncipes” e se dedicaram ao pastoreio dos marginalizados, dos sem vez, dos mais fracos...dos que não tem nada!<sup>26</sup>

Essa pastoral também consistia em ajudar na reflexão e abrir horizontes para romper o ciclo vicioso que os impedia de sair da marginalidade. Não se tratava de “fazer para”, mas de “fazer com” os pobres. Havia a intenção de encorajar os pobres para serem agentes transformadores da sociedade. Os bispos das catacumbas queriam apresentar a Igreja despida dos sinais de riqueza. Seria no modo simples de viver dos pastores; das vestes; das casas paroquiais e dos palácios apostólicos; na utilização de veículos comuns.

No Brasil, os anos de Concílio Vaticano II e Pacto das Catacumbas coincidiam com o Regime Militar. Os bispos que voltaram de Roma passaram a ser vistos como “comunistas” e desligados do “poder central”. Antes tidos como colaboradores dos ricos e poderosos estes deixaram de ser uma grata presença nas esferas superiores e hegemônicas.

Alguns brasileiros que assinaram o Pacto das Catacumbas se tornaram conhecidos do povo nacionalmente, entre eles destaca-se Dom Helder Câmara que viveu entre os anos de 1909 e 1999. Dom João Batista da Mota e Albuquerque, Dom Francisco Austregésilo de Mesquita Filho, Dom José Alberto Lopes de Castro Pinto, entre outros.

### 1.3.3 As Comunidades Eclesiais de Base

---

<sup>26</sup> Idem, 2015, p. 28-29.

Uma expressão marcante da evangelização na América pós Concílio deu-se com a constituição das CEB's<sup>27</sup> no meio rural na década de 60.

No Brasil, nas duas décadas seguintes ao Concílio Vaticano II, as CEBs promoveram o surgimento de inúmeras lideranças. Imbuídas de profetismo lançaram mão de combater as injustiças sociais e fomentaram o anúncio do Evangelho para as realidades mais distantes. A CEB tem consciência de si mesma e afirma “ser um novo modo de ser Igreja”; se identifica em ser Igreja na base.

Participam das CEB's as mais diferentes pessoas: homens, mulheres, crianças, idosos, de todas as raças e orientações sexuais e religiosas. Formam grupos de pessoas interessadas em partilhar a Palavra e, a partir dela, se engajar em questões que afetam o dia a dia de todos. Neste sentido, percebe-se o seu caráter ecumênico.

Foi um despertar na Igreja destas terras o pobre comprometido com a causa dos pobres; a conjugação da fé do homem simples com o mundo a ser construído de forma mais justa e igual. Realização de um sonho comum que estava - quem sabe - também no inconsciente coletivo. Foi também um verdadeiro chamado para “que os cristãos participem dos esforços daquele povo que, lutando contra a fome, a ignorância e as enfermidades, esforçam-se por conseguir melhores condições de vida e por afirmar a paz no mundo” (AG 12).

---

<sup>27</sup> Comunidades Eclesiais de Base são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres, ou bispos. As primeiras surgiram por volta de 1960 em Nísia Floresta, arquidiocese de Natal, segundo alguns pesquisadores, ou em Volta Redonda, por outros. De natureza religiosa e caráter pastoral. Nas paróquias de periferia as comunidades podem estar distribuídas em pequenos grupos, ou um grupo que se dá o nome de comunidade eclesial de base. É o caso de comunidades rurais onde um número grande de pessoas (cem, duzentas) se reúne aos domingos para celebrar o culto. São comunidades de pessoas que têm a mesma fé. Pertencem à mesma igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de convivência, de moradia, de luta por melhores condições de vida, de anseios e de esperanças libertadoras. São eclesiais porque congregadas à igreja, como comunidades de fé, são de base. São integradas por pessoas que trabalham por mãos próprias (classes populares), donas de casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregados dos setores de serviço, na periferia urbana, na zona rural, assalariados agrícolas, posseiros, pequenos proprietários, arrendatários, peões e seus familiares. (cf. BETO, Frei, *O que é comunidade Eclesial de Base*. 2. ed. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 1981, p.7).

Jesus Cristo ao instaurar o Reino oferece condições para um caminho a ser percorrido. A Igreja com o Concílio Vaticano II mostra a eclesiologia do Povo de Deus. A fé desse Povo de Deus, seu *sensus fidei*<sup>28</sup>, ajuda a aplicar na vida concreta, no dia a dia, as questões mais básicas e elementares para o sustento de vida digna: são questões inerentes ao ser humano para que tenha dignidade e se distinga dos animais, ou seja, ser, de fato, humano: direito à vida; direito a viver com dignidade nas diferentes etapas da vida; justiça social; moradia; saneamento; previdência; segurança, etc.

Pode-se afirmar que há uma semelhança entre o povo de Israel que fora necessitado de libertação e o Povo de Deus latino dos tempos do Concílio Vaticano II. No Êxodo está explícito um Deus que interfere na história como Deus da liberdade e Deus libertador:

Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa de seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” (Ex 3, 7-8).

No campo social há um grande grupo de pessoas na América Latina que é assolado e permanece em situação de miserabilidade. A miséria é algo em comum quando as injustiças sociais ocorrem. São oportunidades perdidas que poderiam levar toda uma população a uma realização maior, ou plena, quando as potencialidades individuais somadas a atos conscientes por parte de governos fossem executadas. Inúmeros são os campos a se dar especial atenção:

a) Criança: Investir na educação infantil garantindo um bem-estar à criança e ajudando as famílias a dar condições de crescimento sadio a elas;

---

<sup>28</sup> Do latim, “sentido da fé”.

b) Jovens: Criar e garantir oportunidade do ingresso de jovens aos cursos superiores e escolas técnicas; ajudar na formação intelectual; o esporte há de contribuir para impossibilitar que jovens corram riscos maiores em opção nefastas.

c) Mulheres: Respeitar a dignidade, o trabalho e os direitos da mulher;

d) Agricultores: Que venham a ter melhores condições de vida; que possuam condições de escoamento de seus produtos e haja garantias de preços e comercialização; financiamento; juros condizentes; fomentar cooperativas para uma melhor eficiência e produtividade da pequena propriedade.

Por outro lado, um número significativo de pessoas deixa países periféricos e migram para países de economia mais central. Inúmeros artesões também não suportam a concorrência de produtos industrializados em grande escala e precisam deixar o seu “saber fazer” para se tornar dependente de equipamentos alheios.

## **1.4 O POBRE NA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO**

A Teologia da Libertação é uma corrente teológica que surgiu na América Latina após o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín. Ela se constitui, centralmente, em propor que o Evangelho de Cristo seja levado preferencialmente aos pobres. A teologia da Libertação tematiza o pobre e a sua libertação, bem como, a missão da Igreja para com o Reino de Deus e sua justiça.

### **1.4.1 Idéia geral sobre o pobre na Teologia da Libertação**

Toda a Revelação é anúncio do Deus libertador ao povo pobre, sob o jugo da opressão. Possui uma dupla estrutura: o Transcendente (Deus) revela-se no imanente

(história). É na sua dimensão concreta, histórica, portanto, que a pessoa humana recebe e acolhe a Revelação.

Nos países pobres, a Revelação tem um rosto muito particular. Já no Antigo Testamento, o povo a recebeu e acolheu quando vivia sob condições bem diferentes e até opostas ao plano salvífico de Deus destinado a ele. Fora de sua pátria e sob o domínio de governos tirânicos, o Povo de Israel aceita e acolhe o Deus que lhe dá força para romper estes laços opressores.

Em âmbito de América Latina, com suas situações bem específicas, dá-se oportunidade de uma redescoberta do Deus libertador, mediante situações de desemprego, doenças, indiferentismo, violência, abusos, e outras tantas formas de aviltamento da dignidade humana. Não foi diferente a situação da Igreja em seus primórdios, perseguida pelos poderosos que viam seu poder ameaçado pela verdade do Evangelho.

Busca-se, em última análise, construir a partir desta situação de conflito da América Latina, tendo como horizonte fundamental que Deus se revela na história, um novo conceito de revelação mais concreto.<sup>29</sup>

A partir do Concílio Vaticano II, o contexto da América Latina é o pano de fundo sobre o qual se interpreta a experiência geradora da libertação bíblico-cristã, que é a experiência do povo de Israel sob o jugo da opressão. Em Cristo perseguido e crucificado, é revelado à humanidade o rosto do Pai, presente de modo todo especial nos que sofrem. A Igreja também, em seus primórdios, experimenta a proximidade de Deus nos momentos de perseguição e profunda hostilidade por parte dos poderes constituídos da época. Já no contexto dos países pobres, mais especificamente na América Latina, palco das discussões profícuas e salutares das Conferências Episcopais realizadas neste

---

<sup>29</sup> LIBÂNIO, João Batista, *Teologia da revelação a partir da modernidade*. 2. ed., São Paulo, SP: Ed. Loyola (Col. Fé e Realidade, 31), 1995, p.433.

território, há uma forte tensão caracterizante entre situações gritantes de opressão e movimentos de libertação das minorias sufocadas.

Verdadeiros bolsões de massas marginalizadas surgiram pelo avanço da técnica e da busca desenfreada pelo lucro, dinâmica característica do livre mercado. Em decorrência da dívida externa, cria-se uma atmosfera de dependência perniciosa dos países da América Latina em relação às nações ricas, na década de sessenta. Esta situação de real dependência foi identificada como a geradora da pobreza, através de uma releitura teológica, que colocou a pessoa humana no centro das discussões, como portadora de uma dignidade inviolável pela sua condição de filiação.

Da mesma forma que o povo de Deus era sensível à sua ação salvífico-libertadora, assim os pobres de hoje não têm outras forças com as quais contar do que essa graça que lhes permite emergir das profundezas da opressão, em todas as suas formas. Embora envoltos em situações desumanizantes, o povo sabia que o Deus e Senhor da história possuía para ele um projeto histórico-salvífico maior, transcendendo aquele momento de opressão. E é justamente nesta perspectiva que a teologia do Concílio Vaticano II, bem como as diversas Conferências Episcopais latino-americanas, deram forte acento aos “Sinais dos tempos”:

A teologia latino-americana tenta aprofundar a ideia dos “sinais dos tempos”, que João XXIII relembrou na Constituição Apostólica *Humanae salutis* de convocação do Concílio Vaticano II e que a Constituição Pastoral *Gaudium et spes* retomara com brilhantismo. Trata-se de discernir a ação de Deus na história através e nos sinais dos tempos, isto é, nos acontecimentos históricos.<sup>30</sup>

Nisto consiste precisamente a missão da Igreja: à luz do Evangelho, da Revelação, discernir os sinais dos tempos, procurando as respostas às inquietações da humanidade, bem como a relação entre a vida vindoura e a vida presente, concreta, histórica, que determina aquela. Por este motivo os pobres e a situação de pobreza e

---

<sup>30</sup> LIBÂNIO, 1995, p. 440.

exploração constituem sinais especialíssimos para este discernimento. A Encarnação do Verbo eterno mostra, pela Revelação, a pedagogia divina de descer, de assumir, através da atitude Kenótica, a fragilidade, a fraqueza, para que, por meio dela, Deus mostre sua força libertadora.

Esta pedagogia divina é uma constante na linha histórica. Assim foi com o povo de Israel, fora de sua pátria, escravizado, sem ao menos ter direito ao culto de seu Deus, mas que teve o amparo, a paternidade, a proteção e os auxílios divinos. Deus mesmo preferiu os pobres, devido à sua abertura, à sua docilidade em ser o destinatário da Boa Nova. E este mesmo Deus, na “plenitude dos tempos”, não apenas preferiu, mas assumiu a pobreza, vestiu-se da pobreza, abraçou a pobreza.

Faz-se mister recordar, também o caráter unitário da história, para possibilitar a compreensão dessa pedagogia divina, e não separá-la em duas esferas, estando a práxis libertadora na esfera do profano, à margem da história sagrada. Haveria, portanto, a divisão entre história sagrada e história profana. Como consequência, os movimentos de libertação estariam alheios à história da salvação, tendência essa de ver a história que criou uma teologia que legitimasse as situações e estruturas opressoras.

Nessa linha, enfatiza Gustavo Gutiérrez:

Não há duas histórias, uma profana e outra sagrada, ‘justapostas’ ou ‘estritamente unidas’ senão um só devir humano irreversivelmente por Cristo, Senhor da história... A história da salvação é a própria entranha da história humana... O devir histórico da humanidade deve ser definitivamente situado no horizonte salvífico... Há uma só história: história cristonificada.<sup>31</sup>

Toda a vida cristã consiste em imitar a vida de Jesus. Por isso a opção preferencial pelos pobres é uma urgência, bem como uma postura de pobreza, isto é, de disponibilidade, de serviço, de entrega amorosa. Aí reside não apenas o que é humano, mas o próprio divino. Como consequência, esta mesma percepção deve estar presente

---

<sup>31</sup> GUTIÉRREZ, 1985, p. 125-146.



quando o cristão depara-se com o pobre, em cuja pessoa o próprio Jesus se faz presente de um modo todo particular.

Com muita facilidade Jesus mostra que escolhe exatamente o fraco, o pobre, o vulnerável, oprimido. Os pobres, coxos, aleijados, indefesos, marginalizados, etc., são justamente estes os convidados para o banquete nupcial de Cristo (cf. Lc 14,12ss). Todos aqueles que são vítimas do orgulho e da autossuficiência, que têm uma ideia exagerada de si próprios, terminam na ausência da graça.

Na América Latina, a “Teologia da Libertação” ganhou força com Concílio Vaticano II. Com efeito, o método ver-julgar-agir que foi lançado mão na América Latina para observar a realidade e, a partir daí, responder concretamente os anseios de todo um continente, deu o tom da pastoral.

A teologia da Libertação só se tornou possível porque houve a virada teológico-antropocêntrica da teologia e o método ver-julgar-agir consagrado pela *Gaudium et Spes*. Sem esses dois pilares, nunca se construiria uma teologia da libertação. Ela é filha do Vaticano II, com a originalidade de inserir mais fortemente os pobres na compreensão do ser humano e na articulação do método ver-julgar-agir.

Segundo José Maria Vigil “o segundo grande acontecimento histórico da Igreja no século XX possibilitado pelo primeiro – foi a teologia da libertação, que deu um passo a mais e abriu o diálogo com o mundo no campo da segunda ilustração: no social e no político, no encontro com os pobres e na práxis histórica de transformação social. Essa teologia desatou também uma explosão de vitalidade e mística, cuja manifestação maior foi a multidão de comunidades de base espalhadas pela geografia universal e uma plêiade de mártires literalmente “jesuânicos” – segundo o modelo de Jesus <sup>32</sup> .

A questão passa a ser mais profunda: menos teórica e mais prática a partir do pobre e com suas expectativas libertadoras dos próprios pobres. A fé impregnada no cristão exige o comprometimento com a causa libertadora na busca da justiça social. A partir dessa reflexão - do pobre e com o pobre - há condições de se fazer uma nova

---

<sup>32</sup> VIGIL, José Maria. *apud* LORSCHIEDER, Aloísio, *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo, SP: ed. Paulus (Col. Comunidade e Missão), 2005 p. 84-110.

teologia. Ela está ligada diretamente a questões mais concretas, por assim dizer: a prática política.

A TdL significa então a reflexão crítica sobre a práxis humana (dos homens em geral e dos cristãos em particular) à luz da prática de Jesus, e das exigências da fé. A prática de Jesus privilegiou, indiscutivelmente, os pobres; para Ele nem tudo valia; por isso se incompatibilizou com as várias instâncias de poder vigente, até ser fisicamente liquidado. O Reino começa a se realizar a partir dos pobres, abrangendo depois todos os seres humanos.<sup>33</sup>

Neste sentido, Brito afirma:

Presença de serviço, eis o distintivo da presença cristã no mundo; não podia ser de outra forma. O texto de Marcos, na linguagem direta, relembra-nos as palavras de Jesus: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida pela multidão” (Mc 10,45) A dimensão de serviço marcou a vida de Cristo e deve marcar a vida da Igreja. Como o serviço é mais que o discurso, a ação dos cristãos pode ser uma clara manifestação da diaconia da Igreja. Congar aponta com clareza a responsabilidade a ser assumida no plano da construção do mundo: o cristão deve prestar um serviço no plano das estruturas sociais. Se a ação salutar da Igreja deve também ter influência no temporal, respeitando sempre sua autonomia, ela, na sua pastoral social, não pode se limitar só a formar consciências.<sup>34</sup>

Outra dimensão muito importante, além do caráter unitário da história, é o sentido de pertença do povo. As CEB's são uma expressão privilegiada nos dias de hoje, do que era o povo no tempo do Antigo Testamento. A partir dos seus dramas existenciais e sociais, interpretando os sinais dos tempos, o povo das CEB's interpreta a Sagrada Escritura, extraindo dela pistas carregadas de esperança para a superação das dificuldades.

---

<sup>33</sup> BOFF, Leonardo, *Do lugar do pobre*. 3. ed. Petrópolis, RJ: ed. Vozes (Teologia (Série); 22), 1986, p. 26.

<sup>34</sup> BRITO, Ênio José da Costa, *O leigo cristão no mundo e na Igreja: estudo teológico-pastoral sobre o pensamento de Yves M. -J. Congar*. São Paulo, SP: ed. Loyola (Coleção Fé e Realidade, 7), 1980, p. 205.

A comunidade de fé recebe o texto bíblico dentro desta tradição de fé, que foi vivida ao longo da história em situações sociopolíticas as mais diversas. E a comunidade hoje vive o seu contexto. Por isso ela tenta confrontar-se com o texto bíblico, interpretado a partir do contexto social em que surgiu e de outros contextos em que posteriormente recebeu novas interpretações, para terminar perguntando-se pelo seu sentido nesta nova situação em que ela vive. Procura uma captação da revelação de Deus em conexão com a situação histórica do povo, faz uma teologia narrativa das gestas libertadoras de Deus no passado para entender melhor como Ele está atuando no presente. Trabalho insubstituível e que só pode ser feito por esta comunidade. Só ela vive tal situação concreta. Não há ortodoxia que possa suprir esse esforço hermenêutico, sem deixar de correr o perigo de infidelidade às interpelações do Senhor.<sup>35</sup>

Deus foi revelando-se ao povo na experiência do seu sofrimento, das suas angústias, necessidades e opressão. Toda a Sagrada Escritura mostra claramente que Deus deixa-se ver na experiência do pobre, do oprimido. Por trás de todo sofrimento está Deus, em cujos braços os pobres se lançam como porto seguro. Dessa experiência paternal, o povo pobre adquire forças para a resistência, para a contestação, para a luta em busca de seus direitos.

Uma via privilegiada para o conhecimento de Deus é, portanto, a experiência do sofrimento. O livro de Jó é um paradigma dessa confiança e entrega do pobre sofredor nos desígnios de Deus. Trata-se de um diálogo com Deus a partir da pobreza e do sofrimento. Não mais a teologia da retribuição temporal com sua ética, mas um novo modo de experimentar Deus quando não se pode contar com recurso humano algum. De acordo com a ética proveniente da teologia da retribuição temporal, o justo era acumulado de bem-estar e saúde, ao passo que o pecador era castigado com a pobreza e a doença. O livro de Jó rompe com esse modelo, com esse modo de enxergar a ação de Deus na história, já que ele, consciente de ser justo aos olhos do Altíssimo, sofre as mais terríveis chagas. Mergulhando em sua situação de miséria, Jó descobre a importância da solidariedade reconhece que Deus ama de modo totalmente gratuito.

---

<sup>35</sup> LIBÂNIO, 1995, p. 451.

Toda a nova realidade se inicia com o amor incondicional de Deus, em especial pelos pobres.

Já não se trata mais, portanto, de uma visão de Deus que pede unicamente a resignação passiva, um entregar-se inerte ao sofrimento e à injustiça. Mas a descoberta do Deus libertador encontrado na análise crítica da Palavra, em confronto com a realidade de opressão, bem como a recordação dos seus feitos libertadores ao longo da história do Povo. “Deus emerge essencialmente como o Deus da justiça para o pobre, da esperança para o desesperançado, da libertação para o oprimido, do futuro para os sem-futuro, da consolação para os reprimidos pela violência”.<sup>36</sup>

Esta nova imagem de Deus abandona a visão de que se trata de um Deus intocável, indiferente, alheio ao mundo criado. Mas um Deus apaixonado pelo povo, pelo pobre, com um amor entranhado, presente, atento, solícito, e em cuja sabedoria infinita conduz o povo macerado pela opressão à sua verdadeira e definitiva libertação. A absoluta transcendência revela-se e deixa-se descobrir na mais profunda imanência, na histórica fática, concreta, nos dramas existenciais do povo. É Deus compassivo, ou seja, um Deus que sofre junto com o povo, que entra na situação de sofrimento para rompê-la por dentro, assim como Cristo fez no mistério da Cruz: mergulhou na morte para matá-la, trazendo vida em abundância.

Esta é a experiência que o pobre fez na Sagrada Escritura, assim como o pobre de hoje vivencia sua experiência espiritual, sem, contudo, deixar de ser totalmente concreta, transformadora, libertadora.

A complexidade da realidade hodierna faz emergir novos rostos de pobres. A Conferência de Puebla abre a perspectiva para os jovens. Santo Domingo convida a uma atenção especial aos mais vulneráveis, como, por exemplo, migrantes, populações sem atenção sacerdotal e com grande ignorância religiosa, pessoas simples e com problemas materiais e familiares. A Conferência sublinha a dicotomia entre fé e ação é causa de

---

<sup>36</sup> BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 189.

pobreza. Já Aparecida, a V Conferência, amplia o leque dos destinatários da Boa Nova libertadora: desempregados, migrantes, abandonados, enfermos, viciados, etc.

A espinha dorsal do pensar teológico mantém-se desde o pós-Concílio, passando pelas Conferências até os dias de hoje. O desenvolvimento é perceptível devido ao aumento da complexidade da conjuntura, a qual fez surgir esses novos rostos do pobre. Trata-se, no entanto, de pessoas despojadas dos direitos mais elementares, trazendo o apelo de Cristo por justiça e igualdade.

#### 1.4.2 A pobreza segundo o teólogo da Libertação Gustavo Gutierrez

Em sua obra fundadora da TdL, *Teologia da libertação*, Gustavo Gutierrez faz uma síntese, após discorrer separadamente sobre duas concepções de pobreza que aparecem na Bíblia: a pobreza material e a pobreza como atitude espiritual, como infância espiritual.

Sempre dentro da perspectiva da Encarnação do Filho de Deus, na ótica paulina da *Kénosis*, o autor considera a pobreza como um ato de amor e de libertação. Trata-se de uma profunda e cristã solidariedade para com quem padece da pobreza e da exclusão. Há uma pobreza que é efeito direto do egoísmo do homem, que não permite a prática do amor, não sendo, portanto, um sinal vivo da presença de Deus na vida em sociedade, causando inúmeras injustiças. E, existe uma pobreza assumida voluntariamente a exemplo de Jesus Cristo que assumiu a humanidade despojado de sua divindade, estabelecendo um laço de solidariedade com a comunidade humana, resgatando a vida e a dignidade dos oprimidos.

Não se trata de idealizar a pobreza, porém ao contrário assumi-la como é, como um mal, para protestar contra ela e esforçar-se por aboli-la. Como diz P. Ricoeur, ninguém está realmente com os pobres senão lutando contra a pobreza. Graças a esta solidariedade – feita gesto preciso, estilo de vida, ruptura com sua classe social de origem – poder-se-á também contribuir para que os pobres e despojados tomem consciência de sua situação de exploração

e busquem libertar-se dela. A pobreza cristã, expressão de amor, é solidária com os pobres e é protesto *contra a pobreza*.<sup>37</sup>

O autor acima referido chama a atenção para a possibilidade de reduzir o conceito de “pobre”, fazendo com que seja meramente “sentimental”. Por isso classifica como “pobre” “o oprimido, o marginalizado pela sociedade, o proletário que luta por seus mais elementares direitos, a classe social explorada e espoliada, o país que combate por sua libertação”.<sup>38</sup> Fazer uma opção pelo pobre, pelo oprimido, significa necessariamente colocar-se numa posição antagônica ao opressor, tendo um cunho notadamente “político”.

#### 1.4.3 A pobreza segundo o teólogo da Libertação Jon Sobrino

Em sua obra *Ressurreição da Verdadeira Igreja*, Jon Sobrino destaca a essência, a substância primordial da eclesialidade, da experiência do indivíduo com Deus, que é a dimensão comunitária. Esta experiência de Deus somente se realiza dentro “da forma historicamente concreta de ser Igreja”<sup>39</sup>. A fé individual não poderá ser cristã se não for uma fé, antes de tudo, testemunhada. Portanto, dentro da dimensão comunitária. O que constitui propriamente um indivíduo é sua capacidade de relação, exatamente como se definem as Pessoas divinas. A fé, por esta razão, deve ser principiada e fomentada dentro desta dimensão essencial do ser humano, que é também aberto à transcendência.

Desde o princípio a Igreja tomou para si a configuração histórica de povo. As mais variadas diferenças históricas dos diferentes povos foram absorvidas pela Igreja, para valorizar justamente a sua própria constituição como povo.

---

<sup>37</sup> GUTIÉRREZ, 1985, p. 247.

<sup>38</sup> Idem, 1985, p. 248.

<sup>39</sup> SOBRINO, 1982, p. 140.

O seu corpo social é constituído dos mais diferentes carismas, dentro de uma ampla variedade de contextos históricos de cada indivíduo e de cada comunidade em particular, para ser um só povo de Deus. A pluralidade e a diversidade são elementos muito importantes para a experiência de Deus do sujeito eclesial. Dentro dessa pluralidade, o pobre se torna um lugar privilegiado para a vivência do mistério da Igreja na América Latina.

Desses pobres se diz que são a base da Igreja, e daí que aquilo que na América Latina se entende por “comunidades de base” esteja tão afastado da noção primeiromundista, segundo a qual o que caracteriza estas, é o reduzido número de seus membros, onde – ao contrário da Igreja instituição – parece haver maior liberdade e iniciativa para o Espírito de Deus.<sup>40</sup>

O tema da pobreza deve ser encarado desde uma perspectiva eclesial, e a Igreja se caracterizará por sua missão para com o pobre. O mistério da Cruz se reflete nos povos crucificados da América Latina e a Ressurreição deve ser encarada como uma esperança para os pobres. Cristo veio como mediador de um Reino de justiça para todos. Nesse sentido, a Igreja não pode ser neutra, mas partir da perspectiva do pobre.

---

<sup>40</sup> Idem, 1982, p. 145.

## **2 A EVOLUÇÃO DA NOÇÃO DE OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES NAS CONFERÊNCIAS GERAIS DO CELAM**

O tema da pobreza como um escândalo e resultado do pecado, desemboca na teologia e Magistério Latino-americano na expressão “opção pelos pobres”. O livro do Êxodo mostra um Deus que age na história como libertador: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa de seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” (Ex 3,7-8b). Nesse sentido, a opção pelos pobres será um programa eclesial e missionário.

### **2.1 CONFERÊNCIA EPISCOPAL EM MEDELLÍN (1968)**

Em 1968, ocorreu na cidade colombiana de Medellín a II Conferência Geral do CELAM. O Papa Paulo VI abriu a Conferência na catedral de Bogotá, no dia 24 de agosto, por ocasião do XXXIX Congresso Eucarístico Internacional.

O objetivo desta Conferência seria aplicar, ou seja, colocar em prática em terras das Américas as decisões e os ensinamentos do Concílio Vaticano II. A abertura da Conferência foi feita pelo próprio Papa que marcou a primeira visita de um pontífice à América Latina. O tema de Medellín era “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”. Medellín foi a recepção do Concílio Vaticano II na América Latina. No total participaram 137 bispos com direito a voto e 112 delegados e observadores.

Esses Pastores perceberam uma grande diferença entre o “mundo europeu” moderno e rico e o “mundo latino” subdesenvolvido, carente e pobre, conforme comenta Dom Brunelli:



A explosão demográfica nas cidades somado ao fenômeno do êxodo rural fez com que as cidades crescessem na América Latina – nem sempre de forma ordenada, planejada e apropriadamente habitável. A falta de moradia adequada, saneamento básico, trabalho digno, transporte eficiente causaram verdadeiros dramas sociais. No campo o latifúndio tomou conta incentivado por políticas inspiradas no Breton Woods. Nestes anos, cabe ressaltar ainda, os governos de muitos países latinos foram tomados por militares. Foram anos difíceis, sem que os povos pudessem votar diretamente em seus governantes. Contudo, grupos locais beneficiados de uma maneira ou de outra contribuíram com tais governos apoiando-os. Repressão e contenção foi a resposta aos nascentes grupos sociais que se mobilizavam para reivindicar mudanças estruturais. Em seus escritos, Delir Brunelli afirma: “Organizações culturais, sindicais ou políticas que defendem mudanças substanciais na sociedade, são dissolvidas ou passam pelo crivo impiedoso da censura”<sup>41</sup>

Em seu discurso inaugural, pronunciado no dia 24 de agosto em Bogotá, Paulo VI sublinhou dois problemas: a secularização que leva à falta de Deus e a oposição, pretendida por alguns, entre a Igreja chamada institucional e a Igreja denominada carismática. O Papa Paulo VI também manifestou preocupação com a doutrina e o entendimento da mesma a partir do Concílio.

Os bispos da Conferência de Medellín refletem conjuntamente sobre os pobres e a situação de marginalizados que muitos homens e mulheres se encontram. Desejam uma Igreja mais periférica e menos central. Sendo assim, a Igreja estaria mais na realidade do evangelho e cumprindo com sua missão. Neste sentido florescem as CEB's e a atuação da Igreja é ampliada significativamente.

A Igreja tem uma nova dinâmica e se apresenta com disposição à reflexão e a tentativa de solucionar as questões sociais. Há um entendimento de que a fé deve alargar-se para o campo político, econômico e social. Neste contexto a opção preferencial pelos pobres ganha força de ação à libertação.

---

<sup>41</sup> BRUNELLI, Delir, *Profetas do Reino: Grandes Linhas da Atual Teologia da Vida Religiosa na América Latina*. São Paulo, SP: ed. Conferência dos Religiosos do Brasil, 1986, p. 37.

Não foi sem motivos que a reação de grupos dominantes se fizeram sentir de forma contrária ao que se propusera. Conforme Leonardo Boff<sup>42</sup> muitos leigos e sacerdotes foram perseguidos.

Medellín trata dos seguintes temas: “Justiça”, “Paz”, “Família e Demografia”, “Educação”, “Juventude”, “Pastoral das Massas”, “Pastoral das Elites”, “Catequese”, “Liturgia”, “Movimentos Leigos”, “Sacerdotes”, “Religiosos”, “Formação do Clero”, “Pobreza da Igreja”, “Colegialidade” e “Meios de Comunicação Social”.

O décimo quarto tema de Medellín é o da “Pobreza da Igreja”. Os bispos dizem ouvir o clamor da pobreza do seu continente. E que a Igreja passa uma imagem de hierarquia rica. Fala-se que o sistema de espórtulas para o sustento do clero dá uma má impressão a esse respeito. O sigilo sobre o movimento econômico das escolas, paróquias e dioceses contribui para a imaginação de uma Igreja rica, embora muitas Igrejas vivam numa situação de pobreza material muito sentida (cf. MEDELLÍN 14, 2). No “Julgar” se distingue uma pobreza como carência de bens a ser combatida, uma pobreza espiritual como desapego a ser cultivada e um compromisso em remediar a pobreza material dos mais necessitados. Para “agir”, o mandato do Senhor “deve levar-nos a uma distribuição tal de esforços e de pessoal apostólico, que deve visar, preferencialmente, os setores mais pobres e necessitados” (MEDELLÍN 14, 9). Os bispos desejam se aproximar dos pobres, denunciar a injustiça social e promover a sua dignidade. Desejam dar testemunho de pobreza evangélica nas suas habitações, no estilo de vida, na indumentária, renunciando a títulos honoríficos, superando o sistema de espórtulas, administrando com transparência e competência os bens das dioceses. Espera-se o mesmo dos presbíteros e da vida religiosa.

Já é lugar-comum entre os teólogos da América Latina dizer que Medellín foi a recepção original do Concílio Vaticano II. Com efeito, antes da Conferência de Medellín a Igreja latino-americana se assemelhava ao que era proposto pela Europa. Tanto as reflexões e a pastoral seguiam a proposta da Igreja do velho continente.

---

<sup>42</sup> BOFF, 1986, p.34.

Poder-se-ia dizer que a Segunda Conferência do Episcopado Latino deu à luz a esta nova Igreja: uma Igreja que sentia fome e sede de ser mais autônoma na reflexão conforme as necessidades locais. Poder-se-ia dizer também que a identidade desta Igreja Latina é o campo social, os marginalizados e os pobres.

O continente latino-americano foi um campo fértil para a aplicação do que o espírito do Concílio propunha. Aquilo que os bispos conciliares tinham como sonho se poderia aplicar em vista de um homem liberto. Neste sentido o homem latino e sua realidade passa por grandes transformações e mudanças. São elas econômicas, sociais, políticas e até religiosas.

A Igreja católica quer voltar-se para esse homem. Reconhece debilidades e fragilidades daquilo que poderia ter sido melhor, a evangelização no continente. Contudo, está disposta a levantar a cabeça e assumir o que ela mesma se propõe: agir. Com efeito, a Assembleia dos bispos foi tomada por um convite a estabelecer projetos e a executá-los.

As calamidades em que se encontraram os inúmeros povos na América Latina, sem condições dignas e sem perspectivas, obrigaram a Igreja dar uma resposta. Encontraram-se carências materiais e morais. Elas decorriam de estruturas que não respondiam às necessidades humanas e que não estavam alinhadas com o que diz o Evangelho pregado por Cristo.

É refletindo essa realização do homem, percebendo suas necessidades existências, as calamidades e injustiças no continente que “a Igreja Latino-Americana, reunida na Segunda Conferência do seu Episcopado, centralizou sua atenção no homem deste continente, que vive um momento decisivo de seu processo histórico” (MEDELLÍN, *Introdução*)

Havia um conjunto de fatores que permitiam a sociedade atravessar essa realidade pouco humana. Antes de tudo a própria falta de compromisso com o Evangelho. Numa outra perspectiva a falta de bom senso, o egoísmo e o fechamento às realidades do próximo.

Em nosso continente, imperava um capitalismo selvagem, regimes militares autoritários, uma cultura burguesa dita católica, sem a verdadeira seiva profético-cristã. Portanto o diálogo não podia vestir-se da inocência nem da suavidade do diálogo europeu. Teve de tomar um caráter virulento de embate com forças de opressão<sup>43</sup>.

Certamente a linha econômica adotada – sem elementos internos de ajustes, que se expressava em investimentos, das relações de trocas, do emprego, das relações com os recursos, também contribuíram para que o desenvolvimento humano ficasse muito prejudicado. Além disso, as relações pessoais também eram elementos a serem considerados e, muitas destas relações eram de católicos com católicos.

Na América Latina a pobreza era realidade escandalosa. Inúmeros desses pobres eram católicos, fiéis à Igreja, e os – os autores da sua pobreza -, também eram católicos, muito apegados à Igreja. Essa foi a realidade encontrada. Muitos dos bispos que tomaram consciência disso registraram sua preocupação em Medellín e Puebla. Vários desses bispos, mesmo antes do Vaticano II, já foram em direção aos pobres, descoberto o povo real, o povo dos pobres – comprometendo-se com a libertação desse povo. Faltava-lhes uma teologia para orientar e fortalecer o compromisso. Essa lhes foi fornecida pelo Vaticano II. Eles foram a alma de Medellín.<sup>44</sup>

Leonardo Boff expos seu pensamento sobre a recepção e algumas consequências do Concílio Vaticano II para a América Latina. Destaca ainda o ponto da opressão que os latinos passam durante esse período.

A esse processo se chama de *recepção*, que significa uma releitura e um refazimento das intuições conciliares dentro do contexto latino-americano, bem diferente daquele europeu, no qual se elaboraram todos os documentos.

---

<sup>43</sup> LIBÂNIO, João Batista, *Concílio Vaticano II: os anos que se seguiram*. Disponível em <[http://www.jbllibanio.com.br/modules/mastop\\_publish/\\_tac\\_99/](http://www.jbllibanio.com.br/modules/mastop_publish/_tac_99/)>. Acesso em 21/09/2019.

<sup>44</sup> COMBLIN, José, *O Povo de Deus*, São Paulo, SP: Editora Paulus, 2002, p. 89.

Enfatizaremos apenas alguns pontos essenciais.

O **primeiro**, sem dúvida, foi a profunda mudança de atmosfera eclesial: antes predominava a “grande disciplina”, a uniformização romana e o ar sombrio e antiquado da vida eclesial. As Igrejas da América Latina, da África e da Ásia eram Igrejas-espelho daquela romana. De repente, começaram a sentir-se Igrejas-fonte. Podiam se inculturizar e criar linguagens novas. Agora se irradia entusiasmo e coragem de criar.

Em **segundo** lugar, na América Latina se deu uma redefinição do lugar social da Igreja. O Vaticano II foi um Concílio universal mas na perspectiva dos países centrais e ricos. Aí se definiu a Igreja dentro do mundo moderno. Mas existe um submundo de pobreza e de opressão. Este foi captado pela Igreja latino-americana. Esta deve se deslocar do centro humano para as periferias sub-humanas. Se aqui vigora opressão, sua missão deve ser de libertação. A inspiração veio das palavras do papa João XXIII: “A Igreja é de todos, mas principalmente quer ser uma Igreja dos pobres”<sup>45</sup>.

Os anos sessenta foram marcados por uma crise geral do sistema econômico em toda a região. O modelo imperante era o do capitalismo dependente, em acelerado processo de industrialização e urbanização. Nesse sentido, afirma Gustavo Gutierrez que

Isso levou, nos anos 60, a uma mudança de atitude. Um diagnóstico pessimista no econômico, social e político, substitui o otimismo precedente. Hoje se percebe com clareza que o modelo desenvolvimentista padecia de graves erros de perspectiva. Não levava na devida consideração os fatores políticos e, o que é mais grave, mantinha-se em nível abstrato e a-histórico; as sociedades subdesenvolvidas, atrasadas, justapunham-se estaticamente às sociedades desenvolvidas, modernas<sup>46</sup>.

Crescendo a percepção de universitários, de grupos sociais e sindicais, de pensadores, de intelectuais, ou seja, passou-se por uma nova ótica. É neste momento que se ganha força a ideia da libertação.

---

<sup>45</sup> BOFF, Leonardo, *A recepção do Vaticano II no Brasil e na América Latina*. Grifo do autor. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/515620-a-recepcao-do-vaticano-ii-no-brasil-e-na-america-latina>>. Acesso em 21/09/2019.

<sup>46</sup> GUTIÉRREZ, 1985, p. 77-78.

Por isso, para nossa verdadeira libertação, todos os homens necessitam de profunda conversão para que chegue a nós o “Reino de justiça, de amor e de paz”. A origem de todo desprezo ao homem, de toda injustiça, deve ser procurada no desequilíbrio interior da liberdade humana, que necessita sempre, na história, de um permanente esforço de retificação. A originalidade da mensagem cristã não consiste tanto na afirmação da necessidade de uma mudança de estruturas, quanto na insistência que devemos por na conversão do homem. Não teremos um continente novo, sem novas e renovadas estruturas, mas sobretudo, não haverá continente novo sem homens novos, que à luz do Evangelho saibam ser verdadeiramente livres e responsáveis (MEDELLÍN 1, 1).

Uma maneira de mudar a conjuntura de dependência que se encontra nessas terras é pela mobilização política. Leonardo Boff afirma que “o subdesenvolvimento não é primariamente uma questão técnica (atraso tecnológico) mas problema político”<sup>47</sup>. Segundo ele, há uma clara intenção de manter o povo com o mínimo enquanto se é garantida a ordem. O sistema capitalista é mantido sob o mesmo regime econômico-político. Além disso, as democracias seriam “formais, sob a hegemonia das elites ricas ou do Estado do *welfare*, controlando o povo em suas organizações”.<sup>48</sup> Para o pensador e teólogo há uma “estratégia global” em ter o capitalismo com características de dependência somado ao capitalismo dos países ricos. O resultado dessa associação é causa da miséria do povo.

A ideia, naquele contexto, era dar um freio a essa exploração. Vindo para a Igreja latino-americana os princípios e ideais do Vaticano II e , já sendo colocada em prática por Medellín, mas antes, já “em espírito ou atmosfera” por um “sentimento coletivo de explorado”, a teologia que passou a refletir essa concepção se chamou “Teologia da Libertação”.

---

<sup>47</sup> BOFF, 1986, p.21.

<sup>48</sup> Idem, 1986, p. 22.

## 2.2 CONFERÊNCIA EPISCOPAL EM PUEBLA (1979)

Depois de Medellín, os bispos Latino-americanos foram convocados para um novo encontro em caráter geral. Quando estava por ocorrer a III Conferência do Episcopado, na cidade de Puebla no México, ocorreram as mortes dos Papas Paulo VI e João Paulo I.

Na Igreja, a *Humanae Vitae* (1968), de Paulo VI, tinha suscitado vivas controvérsias, assistia-se à laicização de milhares de padres, pondo um fim definitivo àquela fase de otimismo depois do Concílio. Alguns afirmaram que a opção pelos pobres tinha se radicalizado nas CEB's. O CELAM assumiu essas críticas à Teologia da Libertação e às CEB's. Libânio, ao contrário da posição de Ratzinger, diz que se “acusava a vida religiosa, propugnada pela CLAR<sup>49</sup> e consubstanciada na inserção popular de religiosos/as de “magistério paralelo” em atritos com os bispos locais. Acusava-se a Teologia da Libertação de marxismo”<sup>50</sup>. E que se desconfiava em demasia da autonomia das conferências episcopais.

Já havia uma caminhada de preparação para o evento (1976-78), cerca de dois anos de intensos trabalhos, desde os Documentos Convocatórios e também dos Documentos de Trabalhos. De fato, com a morte dos Papas houve um atraso e também expectativas de como seria conduzida, pelo novo Papa a ser eleito, a Conferência. Entretanto, houve mais tempo para estudar o que seria debatido como também, possibilidade mais ampla de nomeação de peritos e convidados para a execução do próprio encontro.

Com efeito, o novo Papa era um polonês nascido perto de Cracóvia no dia 18 de maio de 1920. Em sua vida viu os horrores da Segunda Guerra Mundial. Teve experiência da dominação alemã nazista que o colocou em trabalhos forçados em

---

<sup>49</sup> Conferência Latino-americana e Caribenha de Religiosos.

<sup>50</sup> LIBÂNIO, João Batista, *Conferências gerais do episcopado latino-americano: do Rio de Janeiro a Aparecida*. São Paulo, SP: Paulus (Col. Temas da atualidade), 2007, p. 29.

pedreiras e fábrica de produtos químicos. Durante a juventude dedicou-se as artes e ao teatro. Já como sacerdote estudou em Roma fazendo seu doutorado em filosofia. Karol Wojtyla participou ativamente do Concílio Vaticano II. Foi nomeado arcebispo em sua terra natal e em 26 de junho de 1967 foi nomeado cardeal da Igreja. Em 16 de outubro de 1978 foi escolhido Papa e foi quem sucedeu João Paulo I: João Paulo II.

Em 13 de outubro os cardeais entraram em conclave. Começaram as votações. O critério de que o Papa devia ser um pastor e não um administrador deixou de lado todos os candidatos da Cúria. A polarização não resolvida dos candidatos abriu o caminho para uma alternativa nunca suspeitada: um Papa não-italiano e de um país não capitalista. Não era do Terceiro Mundo, mas talvez significasse uma novidade ainda maior: vinha do mundo socialista. Em 16 de outubro, depois de quatro dias de votações, escolhia-se o cardeal arcebispo de Cracóvia, Polônia, Mons. Karol Wojtyla. Com isso rompia-se uma tradição iniciada em 1523 – isto é, incluindo a quase totalidade da história latino-americana - quando ocupou a cátedra de Pedro o Papa Adriano VI, de origem holandesa, e imposto pelo imperador Carlos V.<sup>51</sup>

O novo Pontífice logo apresentou sua linha doutrinal na esteira da *Lumen Gentium*. Fez clarear a ideia do vínculo do Episcopado em sua colegialidade. Afinal de contas o mundo queria saber quem era o novo Papa e, para os Latinos Americanos esse conhecimento seria fundamental para saber quais rumos Puebla iria tomar.

Com efeito, Karol Wojtyla estava se tornando popular. De fácil trato, interagiu com o povo de Roma, com os sacerdotes e com os religiosos de um modo geral. Havia criado um ambiente bastante favorável, simples e popular. Neste contexto fazia críticas ao consumismo capitalista. Certamente, ao chegar em terras latino-americanas, o Papa João Paulo II encontrou uma realidade diferente do que vivera em sua terra natal.

A III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano se iniciará no dia 27 de janeiro de 1979, mas no dia 25 começa a atrair toda a atenção dos meios de comunicação, especialmente de São Domingos e México. O Papa

---

<sup>51</sup> DUSSEL, Enrique, *De Medellín a Puebla: uma década de sangue e esperança*. São Paulo, SP: ed. Loyola (vol. 3: Em torno de Puebla: 1977-1979), 1983, p. 578.



tinha partido de Roma e descia do avião da ilha do Caribe, não sem antes estabelecer com os jornalistas, na própria viagem, tal clima de simpatia que já manifestava o signo de sua visita. No aeroporto leu seu primeiro discurso em castelhano correto – o que agradou a todos e mostrou a capacidade de João Paulo II de poder ir compreendendo a realidade latino-americana: ‘Agradeço a Deus que me permite chegar a este pedaço de terra Americana’ exclamou depois de beijar o chão de São Domingos. Imediatamente mostrou a preocupação pessoal prioritária do Papa: ‘O Papa quer reservar sua recordação e saudação mais afetuosa aos pobres, aos camponeses, aos doentes e marginalizados, que sentem a Igreja perto deles, que a amam, que seguem Cristo mesmo no meio dos obstáculos e que com admirável sentido humano põem em prática a solidariedade, a hospitalidade, a alegria honesta e esperançosa.’<sup>52</sup>

Enrique Dussel, no livro “De Medellín a Puebla: Uma Década de Sangue e Esperança”, faz várias afirmações sobre os fatos e publicações que antecedem à Conferência de Puebla, como também os posteriores. Para ele havia certa disputa de opiniões e desconfiança mútua entre a Igreja que se apresentava na figura do Papa em ser a Igreja dos pobres ou a institucional.

Com efeito, o Papa vai deixando claro em suas falas o sentido de “Igreja popular” onde reflete que esta está contida, isto é, faz parte da mesma Igreja institucional; que não há razão para crer que a Igreja institucional é alienante e contrária aos pobres; que Cristo não é “um lutador contra Roma e contra os poderes” que Ele não fora “político, Revolucionário, como subversivo de Nazaré. Essas ideias acabaram por entrar nas discussões e sendo utilizadas para possibilitar um mau entendimento entre todos. Na verdade, o entendimento de releitura dos Evangelhos era aceita por João Paulo II. O que o papa não queria era o exagero na interpretação deles.

A terceira Conferência foi realizada no México na cidade de Puebla. O tema escolhido foi “A Evangelização no presente e no futuro da América Latina”. Essa Conferência seguiu a anterior, Medellín, e voltou-se com mais intensidade para os pobres, para os jovens, para a comunhão e participação e para a dignidade do homem. Retomando Medellín que afirmara “o clamor surdo brota de milhões de homens

---

<sup>52</sup> DUSSEL, 1983, p. 582.

pedindo a seus pastores uma libertação” (PUEBLA 88). Puebla quer seguir o ensinamento e responder às necessidades sociais que a II Conferência havia discutido.

Citando ao Papa são João Paulo II, Puebla afirma o seguinte:

A opção preferencial pelos pobres tem como objetivo o anúncio de Cristo Salvador, que os iluminará sobre a sua dignidade, os ajudará em seus esforços de libertação de todas as suas carências e os levava à comunhão com o Pai e os irmãos, mediante a vivência da pobreza evangélica. “Jesus Cristo veio para compartilhar nossa condição humana com seus sofrimentos, suas dificuldades, sua morte. Antes de transformar a existência cotidiana, ele soube falar ao coração dos pobres, libertá-los do pecado. abrir seus olhos para um horizonte de luz e enchê-los de alegria e esperança. Hoje, Jesus Cristo faz o mesmo. Está presente em vossas Igrejas, em vossas famílias, em vossos corações”<sup>53</sup>. (PUEBLA 1153).

Com a pobreza na América Latina, fruto do êxodo rural, concentração de bolsões de pobreza nas cidades; pessoas sem instrução e condições de sobrevivência nos centros urbanos, houve sérias perdas culturais. Os índios, caboclos, mestiços, negros, mulheres e homens foram despidos do seu “saber fazer” e foram determinantes para a criação de subcultura nas periferias. Neste sentido houve aumento da pobreza. Nota-se que o pobre não é tão somente pobre economicamente, mas pobre por muitas outras perdas além do poder de compra do dinheiro. É uma pobreza de quem não possui saneamento, moradia, saúde, trabalho estável, desnutrição (cf. PUEBLA 29).

Ao perceber a pobreza do jovem, Puebla faz-nos um alerta sobre as condições dos que serão o futuro do continente. Optando pelos jovens, a III Conferência quer dar ânimo, vida, estímulo a esse grupo de milhões de pessoas. A Igreja percebe que é uma força que se perde por estarem nos vícios, desanimados, desorientados, sem expectativas, em vulnerabilidade social (cf. PUEBLA 33).

Os índios e os negros também foram fonte de preocupação de Puebla. Foi denunciado as graves injustiças contra esses povos ao se retirar deles as terras, a cultura,

---

<sup>53</sup> João Paulo II, Alocução Operários Monterrey, 8 - AAS LXXI, p. 244.

as tradições... a vida! Puebla nos convidou a ver o rosto de pobreza nessas pessoas. Surge aqui novas pobrezas, negros e índios que foram expropriados de sua cultura.

Essa massa de novos trabalhadores-desempregados trouxe novas relações de capital-trabalho. Com o medo da perda dos empregos, muitos se sujeitaram perda de direitos. Puebla fala em “feições dos marginalizados” (PUEBLA 38), os que não conseguem entrar na lógica do sistema. Os anciãos também são mencionados com aqueles que estão abandonados em casas geriátricas, expulsos do convívio social, descartados após perderem o “prazo de validade” frabril.

O contraste entre as terras férteis do continente e de grande produção, capaz de manter a inflação baixa em países centrais, e os famélicos em lixeiras dos centros urbanos é a certeza de que os Evangelhos foram rasgados e colocados no cesto de papéis. Diante de tal descalabro e insanidade, a Igreja deu a resposta necessária e abriu caminho propondo algo diferente. Puebla é solidária com os pobres e opta por eles. Nisso reside o elemento central do documento.

Libânio critica ao documento de Puebla por certo esvaziamento da “opção pelos pobres”.

Enfraqueceu a opção pelos pobres, adjetivando-a para tirar-lhe o caráter radical anterior. Falou-se de opção preferencial, de amor preferencial e solicitude (n. 382), de preferência pela evangelização e serviço dos pobres (n. 707), de compromisso preferencial (n. 769), não exclusivo (n. 1145). E depois apuseram ao substantivo “opção” muitos outros adjetivos: evangélica, não ideológica, etc. A entrada da opção pelos jovens teve o lado positivo de chamar a atenção para esse grave problema da Igreja e negativo de diminuir o impacto da opção pelos pobres<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup> LIBÂNIO, 2007, p. 30.

### 2.3 CONFERÊNCIA EPISCOPAL EM SANTO DOMINGO

A quarta Conferência do Episcopado Latino Americano ocorreu entre 12 e 20 de outubro de 1992 na cidade de Santo Domingo na República Dominicana. Ao comemorar os quinhentos anos de evangelização latino-americana, essa Conferência sinalizou a necessidade de nova evangelização nessas terras diante das grandes e aceleradas mudanças sociais, ao apresentar o tema “Nova Evangelização, promoção humana e vida cristã” com o lema: “Jesus Cristo ontem hoje e sempre” (Hb 13, 8).

A Conferência de Santo Domingo teve três objetivos: celebrar Jesus Cristo, a fé e a mensagem dada por Ele nos Evangelhos; dar sequência aos trabalhos iniciados em Medellín e Puebla; e por fim, definir novos caminhos de evangelização para os próximos anos.

A América Latina, no campo político, estava modificada desde Puebla, em 1979. Muitas ditaduras militares deixaram o poder para os civis em novos regimes políticos nem sempre democráticos e republicanos. Com o fim da URSS vem a derrocada do socialismo e afirmação do neoliberalismo como sistema passa a ser vigente em todos os países.

De Puebla a Santo Domingo se acentuara a urbanização, evidenciando a miséria de grandes parcelas de população aglomeradas nas grandes cidades. Entra em vigor a cartilha da estabilidade econômica nesses países periféricos. Com o fim da hiperinflação em muitos países se evidenciou que eram muitos os problemas dos povos, antes mascarados como um único inimigo, a deterioração dos salários. Há uma grande euforia pelo consumo que não vem acompanhada de crescimento econômico e distribuição de renda. Pelo contrário, a estabilidade trouxe inúmeros déficits em balança comercial e transações correntes debilitando e impedindo investimentos que fossem capazes de gerar oportunidades em emprego e renda. Tais sacrifícios de manter a estabilidade a qualquer preço - a custas do sangue do povo, inclusive – não foram capazes de gerar as chamadas “crises” como ocorreram no México e Rússia por ocasião da implantação do Plano Real no Brasil em 1994. O Brasil havia tentado anos antes, na década de 1990, a

implantação do Plano Collor<sup>55</sup>, onde a inflação “era o grande inimigo” e pai de todas as mazelas nacionais.

É nesse contexto latino-americano que o Papa João Paulo II, em seu discurso inaugural, enfatizava que o chamado à nova evangelização é antes de tudo um chamado à conversão.

De fato, mediante o testemunho de uma Igreja cada vez mais fiel à sua identidade e mais viva em todas as suas manifestações, os homens e os povos poderão continuar a encontrar Jesus Cristo e, n'Ele, a verdade da sua vocação e da sua esperança, o caminho em direção à humanidade melhor.<sup>56</sup>

Ao afirmar que anunciar o Evangelho é anunciar uma Pessoa – Cristo – queria assinalar que “a nova evangelização não consiste num ‘novo evangelho’. Estava preocupado com elementos de cunho puramente antropológico ou sociológico que viessem a distorcer o real Evangelho. “O Evangelho há de ser proclamado em total fidelidade e pureza, assim como foi conservado e transmitido pela Tradição da Igreja. Evangelizar é anunciar uma pessoa, que é Cristo”<sup>57</sup>, afirmava o Papa João Paulo II, em sua viagem apostólica à República Dominicana quando da abertura dos trabalhos na IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.

João Paulo II desejava uma atenção singular à catequese e à liturgia. Estava muito preocupado com a transmissão da fé para as novas gerações. Percebia os desafios

---

<sup>55</sup> "O Plano Collor é o nome dado ao conjunto de reformas econômicas e planos para estabilização da inflação criados durante a presidência de Fernando Collor de Mello (1990-1992), quando foi substituído pelo Plano Real". Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Plano\\_Collor](https://pt.wikipedia.org/wiki/Plano_Collor)>. Acesso em 22/09/2019.

<sup>56</sup> DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II NA ABERTURA DOS TRABALHOS DA IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (12/10/1992), n. 1. Disponível em <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19921012\\_iv-conferencia-latinoamerica.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.html)>. Acesso em 22/09/2019.

<sup>57</sup> Idem, n. 7. Disponível em <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19921012\\_iv-conferencia-latinoamerica.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.html)>. Acesso em 22/09/2019.

que a Igreja tinha pela frente ao se deparar com o secularismo e o avanço das igrejas e seitas neopentecostais.

Sem esquecer da caminhada latino-americana, desde o Vaticano II com as Conferências de Medellín e Puebla, João Paulo II desejava atenção especial de todos com os pobres, famílias, negros, índios, à defesa da vida, os meios de comunicação e à religiosidade popular.

A primeira parte das conclusões de Santo Domingo intitula-se “Jesus Cristo, Evangelho do Pai”. Segue com um breve panorama dos 500 anos da primeira evangelização da América Latina. A segunda parte é intitulada “Jesus Cristo, Evangelizador Vivo em Sua Igreja”. Nessa parte o Documento apresenta elementos que poderiam apoiar e concretizar a estratégia evangelizadora para os tempos seguintes.

“Nova Evangelização” significa nova relação e apresentação do Evangelho de Cristo mediante meios, ações e atitudes. Esse esforço é para proporcionar um verdadeiro diálogo da Igreja com um mundo que deixa de ser moderno e rumo a ser pós-moderno. Nova Evangelização significa inculturar o Evangelho nesse mundo em transformação e já transformado, secularizado e distante.

Santo Domingo nos reaviva a realidade da Igreja que é comunidade santa. Com Cristo e seu Espírito habitando na Igreja a torna santa. A Palavra pregada é caminho de santidade. Essa Igreja em oração rende graças e louvores ao Deus eterno e é convocada a oferecer o sacrifício agradável na liturgia. Contudo, o Documento de Santo Domingo enfatiza que a religiosidade popular é expressão privilegiada da inculturação da fé. Nesse sentido a formação do povo e dos agentes de pastoral estariam intimamente ligados a missão continental de Nova Evangelização. Não distante disso tudo a pastoral familiar é integrada e reconhecida como prioridade a estar vinculada à Igreja. Surgem dessa realidade os vocacionados à vida religiosa e também aqueles leigos que serão promotores de nova sociedade. O Documento recorda ainda a necessidade de novos missionários que estejam bem preparados. Trata sobre a multiplicação de seitas e se faz necessário tornar “mais presente a ação evangelizadora da Igreja nos setores mais vulneráveis, como migrantes, populações sem atenção sacerdotal e com grande

ignorância religiosa, pessoas simples ou com problemas materiais e familiares” (SD 141).

Quando trata sobre a Promoção Humana, a IV Conferência afirma que “a falta de coerência entre a fé que se professa e a vida cotidiana é uma das várias causas que geram pobreza em nossos países” (SD 161). Afirma São João Paulo II que “não existe autêntica promoção humana, nem verdadeira libertação, nem opção preferencial pelos pobres, se não se parte dos mesmos fundamentos da dignidade da pessoa e do ambiente em que ela deve desenvolver-se, de acordo com o projeto do Criador”<sup>58</sup>.

Os Pastores que participaram desta IV Conferência, no que tange a Promoção Humana, sinalizaram que é incompatível a fé que se expressa no Continente e as condições humanas materiais em que se encontram. Uma incoerência, ou dicotomia, entre fé e ação é causa das mazelas geradoras de pobreza. A promoção humana seria de fundamental importância a levar condições mais dignas até chegar ao conhecimento pleno do Senhor.

O mundo não pode ficar tranquilo e satisfeito diante da situação caótica e desconcertante que se apresenta diante dos nossos olhos: nações, setores da população, famílias e indivíduos cada vez mais ricos e privilegiados diante de povos, famílias e multidões de pessoas submergidas na pobreza, vítimas da fome e das doenças, carentes de moradias dignas, de assistência sanitária, de acesso à cultura (SD 15).

Denunciam não somente a pobreza, mas muitos outros direitos fundamentais do ser humano que foram violados e denunciados pelos bispos em Santo Domingo. As estruturas econômicas, mas também repressão violenta, assassinatos, grupos de terroristas e de narcotráfico também geram pânico e dor na população mais frágil como mulheres, crianças e jovens. Os bispos e participantes de Santo Domingo comprometeram-se em promover a vida desde o ventre materno até o mais frágil na

---

<sup>58</sup> Idem, n. 18. Disponível em <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19921012\\_iv-conferencia-latinoamerica.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.html)>. Acesso em 22/09/2019.

escala social que se possa encontrar, a fim de garantir a dignidade de todos. A Doutrina Social da Igreja é de grande valia a ser propagada e dela retirar, da melhor maneira, orientação para desenvolver o trabalho, o emprego e a integração de homens e mulheres na sociedade.

A questão da inculturação do Evangelho também foi discutido pelos bispos. Segundo eles, “a inculturação do Evangelho é um processo que supõe reconhecimento dos valores evangélicos que se têm mantido mais ou menos puros na atual cultura” e nesta realidade se buscam o reconhecimento de “novos valores que coincidem com a mensagem de Cristo” (SD 230). Ainda, também, "a religiosidade popular é uma expressão privilegiada da inculturação da fé" (SD 36).

Grandes entraves à inculturação do Evangelho e contrários ao seu ensinamento são as práticas de corrupção, deterioração da vida digna, campanhas anti-natalistas, que foram devidamente denunciadas pela Igreja. Para diminuir e eliminar tais problemas foi sugerido a todos uma formação pastoral abrangente e cristã. São linhas de ação a serem postas em prática na expectativa de se obter resultados diferentes ao que se constatara com o avanço do secularismo.

Essas linhas pastorais são apresentadas na terceira parte do Documento de Santo Domingo. Uma grande convocação dos católicos a se empenharem na “Nova Evangelização”. O protagonismo dos leigos na vida cotidiana, novo vigor na catequese e na liturgia celebrada, bem como a Pastoral Vocacional são elementos a serem reavivados para uma melhor promoção do Evangelho.

#### **2. 4 CONFERÊNCIA EPISCOPAL EM APARECIDA (2007)**

Na cidade brasileira de Aparecida, no Estado de São Paulo, onde a imagem de Nossa Senhora de Aparecida fora encontrada há três séculos, realizou-se a V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Tinha sido convocada pelo Papa João Paulo II, mas foi Bento XVI, seu sucessor, que deu abertura os trabalhos



em 13 de maio e foi encerrada no dia 31 de maio de 2007. O tema da Quinta Conferência foi: “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo, 14,6).

Nas suas palavras iniciais, Bento XVI lembrava que essas terras latino americanas tem a presença do Evangelho a cinco séculos e que resultou uma rica religiosidade popular. Recordou ainda que essa Conferência de Aparecida tem a intenção de ser a continuidade das Conferências anteriormente realizadas. A presença de Bento XVI animou os brasileiros. Sua presença, como sucessor de Pedro, foi confirmar na fé, na esperança e na caridade o povo latino carente de um pai espiritual; veio reforçar os laços desse povo com a Mãe Igreja. Bento XVI veio expressar que o “continente da esperança se torne o continente do amor”<sup>59</sup>.

O Papa, a partir do exemplo da *Gaudium et Spes*, fala em “luzes e sombras”, destacou as mudanças sociais ocorridas desde a última Conferência ocorrida em Santo Domingo, em 1992:

No mundo de hoje verifica-se o fenômeno da globalização como um entrelaçamento de relações a nível planetário. Embora sob certos aspectos seja uma conquista da grande família humana e um sinal da sua profunda aspiração à unidade, contudo comporta também o risco dos grandes monopólios e de converter o lucro em valor supremo. Como em todos os campos da atividade humana, a globalização deve reger-se também na ética, colocando tudo a serviço da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus.<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> DISCURSO DO PAPA BENTO XVI NA SESSÃO INAUGURAL DOS TRABALHOS DA V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE (13/05/2007), n. 4. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070513\\_conference-aparecida.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html)> Acesso em 21/02/2019.

<sup>60</sup> Idem, n. 2. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070513\\_conference-aparecida.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html)> Acesso em 21/02/2019.

Bento XVI destacou a conquista da democracia em vários países, mas manifestou preocupação com governos autoritários e ideologias contrárias ao que prega o Evangelho; afirmou a Doutrina Social da Igreja como elemento importante para o contexto latino; que o liberalismo econômico promove distância entre as pessoas. Ao se referir as obras da Igreja, destacou os jovens, os catequistas, os muitos leigos empenhados em escolas e hospitais. Contudo fez ressalva com relação a fragilidade da fé nestas terras, pois está ameaçada pelo “secularismo, hedonismo, indiferentismo e proselitismo de numerosas seitas, de religiões animistas e de novas expressões pseudo-religiosas”<sup>61</sup>. O Papa tocou em outros pontos importantes como família, sacerdotes, leigos, jovens, religiosos, problemas políticos e econômicos e convidou a todos a serem “discípulos e missionários” de Cristo. “A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9)”<sup>62</sup>.

Pretende-se inaugurar um novo e importante momento pastoral da Igreja da América Latina marcado pela força revigorada no Evangelho de Cristo afim de que todos tenham vida plena. Em virtude do Batismo como fonte e compromisso de cristão engajado se tem esperança de novos tempos de evangelização. Os fiéis são convocados a serem “discípulos e missionários de Jesus Cristo”. Com efeito, busca-se renovar as comunidades eclesiais. Precisa-se novo compromisso e novas estruturas pastorais, mais missionárias e menos voltadas para si próprias.

A V Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho é um novo passo no caminho da Igreja, especialmente desde o Concílio Ecumênico Vaticano II. Ela dá continuidade e, ao mesmo tempo, recapitula o caminho de fidelidade, renovação e evangelização da Igreja latino-americanas a serviço de seus povos, que se expressou oportunamente nas Conferências Gerais anteriores do Episcopado (Rio, 1955; Medellín, 1968; Puebla, 1979; Santo Domingo, 1992) (DAp 9).

---

61 Idem, n. 2. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070513\\_conference-aparecida.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html)> Acesso em 21/02/2019.

62 Idem, n. 3. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070513\\_conference-aparecida.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html)> Acesso em 21/02/2019.

Com relação às conferências anteriores, Bingemer aponta três grandes novidades<sup>63</sup>. Um novo protagonismo dos movimentos traz a esperança de uma revitalização do catolicismo no continente. São colocados ao lado das tradicionais comunidades de base. A segunda novidade consiste em que a maioria dos participantes desses movimentos são da classe média, o que modifica o sujeito da evangelização, ainda que se fale das classes populares e dos pobres. A terceira novidade é a de que se apresenta mais realista do que o documento de Santo Domingo, mas não tem o sopro libertador de Medellín e Puebla.

O Documento de Aparecida está dividido em três grandes partes. Foi elaborado no método “ver, julgar e agir”. Desta forma, como nas Conferências anteriores após se perceber as necessidades e se refletir sobre as demandas, busca-se agir pró-ativamente a fim de que todos se beneficiem integralmente. Aparecida quer um “estado permanente de missão” e propõe o tema da vida como elemento principal que conduz a todos: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10).

A primeira parte que inicia no número dezenove até o cem, se intitula “a vida de nossos povos”. Neste ponto o Documento nos leva a uma íntima conexão com Deus. Coloca o homem diante do mistério e o faz perceber os muitos dons presenteados. A fé e a graça são partes deste contexto. Ao perceber-se presenteado por Deus, o homem rende graças e louvores ao bendizê-lo. Esse primeiro capítulo denomina-se “Os Discípulos Missionários”.

O capítulo segundo, do número trinta e três ao cem, é intitulado “Olhar dos Discípulos Missionários sobre a realidade”. Como a ajuda da teologia e da pastoral oferece reflexão sobre as mudanças que ocorrem no continente e no mundo de forma geral e que implicam a resposta bíblica. São inúmeros os temas tratados: a questão da

---

<sup>63</sup> ENTREVISTA COM MARIA CLARA BINGEMER. Igreja que deseja ser ouvida numa cultura pós-cristã precisa ter um testemunho forte, crível e consistente, que acompanhe o discurso. *IHU EM FORMAÇÃO*, Rumos da Igreja Hoje na América Latina. Tudo sobre a V Conferência dos Bispos em Aparecida. (Ano III, n. 21). São Leopoldo: Unisinos, 2007, p.35. Disponível em: <[www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-em-formacao/58338-rumos-da-igreja-hoje-na-america-latina-tudo-sobre-a-v-conferencia-dos-bispos-em-aparecida](http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-em-formacao/58338-rumos-da-igreja-hoje-na-america-latina-tudo-sobre-a-v-conferencia-dos-bispos-em-aparecida)>. Acesso em 22/09/2019.

cultura, aspectos da economia, as questões da sociedade e da política. As questões relativas as etnias e os problemas ambientais e ecológico também são abordados. A globalização e as influências que causam na vida humana são abordadas e, abre caminho para melhor entender e agir sobre a situação da própria Igreja neste contexto singular e difícil.

A segunda parte do documento que vai do número cento e um ao trezentos e quarenta e seis, trata da vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários. O Senhor é a fonte da vida para homens e mulheres de todos os povos e culturas. Ao aderir a vida d'Ele e fazer que essa vida seja vivida por quem a aderiu, o caminho do discípulo-missionário ganha novos contornos e beleza. Os quatro capítulos que se seguem tratam do anúncio do Evangelho; da vocação dos discípulos e missionários à santidade; a comunhão destes discípulos e missionários na Igreja e, por fim, o caminho de formação dos discípulos missionários.

A terceira e última parte do documento de Aparecida, do número trezentos e quarenta e sete ao quinhentos e quarenta e seis, trata mais profundamente sobre a missão continental da Igreja nestas terras latino-americanas e caribenhas. Com o título “A vida de Jesus Cristo para os nossos povos” o capítulo oferece as principais linhas de ações e os temas específicos a serem trabalhados pela própria Igreja. O seu objetivo é que todos tenham vida plena em Cristo, ao assumirem uma nova vida nele. A Igreja é convidada a ser mais missionária, como está em sua constituição original.

Em nossos dias e nessas terras as Igrejas particulares passariam por um processo de conversão pastoral e se tornariam mais missionárias, respondendo as necessidades do homem hodierno. Com efeito, a Igreja apenas daria mais ênfase à missão, e já traria diferenças significativas a todo o corpo eclesial, as comunidades, grupos e pastorais.

O documento de Aparecida fala de “rostos”: pessoas que moram nas ruas, enfermos, dependentes químicos, migrantes e presos. “Este necessário captar a vida em rostos concretos que interpelam, deveria necessariamente levar a Igreja a repensar a

maneira como vive sua fé e conseqüentemente a forma de seu testemunho, o seu próprio jeito de ser missionária”<sup>64</sup>.

Para este trabalho, de forma muito mais significativa são os pontos que se seguem com trata da promoção e dignidade humana, a opção preferencial pelos pobres e excluídos que lembra Medellín e as demais Conferências. É, sobretudo neste capítulo, que reconhece de forma explícita o novo rosto dos pobres, como, por exemplo, os desempregados, migrantes, abandonados, enfermos e outros.

A globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos pobres. Com especial atenção e em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas de violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os tóxicos-dependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas de exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os mineiros. A Igreja, com sua Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar essas pessoas excluídas nas respectivas esferas (DAp 402).

O Documento de Aparecida tem, no seu capítulo nono, que vai do número quatrocentos e trinta e um ao quatrocentos e setenta e cinco, o título “Família, pessoas e vida”. Baseado no anúncio do Evangelho nos é oferecido refletir sobre a dignidade do homem e proporciona um incentivo que se promova uma cultura do amor no matrimônio e na família. Busca-se uma cultura que seja promotora de vida e a respeite. Concomitantemente, quer-se acompanhar as pessoas em suas diferentes condições e etapas de vida; crianças, jovens e idosos; mulheres e homens.

---

<sup>64</sup> PEREIRA, Ricardo da Silva. *A missão da Igreja: do Concílio Vaticano II à conferência de Aparecida: um *aggionamento* necessário*. 112 f., p. 96. Dissertação (mestrado em Teologia). Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010.

Por fim, o décimo capítulo do Documento de Aparecida, intitulado Nossos povos e a cultura, retoma aquilo que fora importante nas conclusões de Puebla e Santo Domingo: a evangelização da cultura e a evangelização inculturada.

Com efeito, Aparecida traz para o centro das discussões e demandas da Igreja os desafios que enfrenta diante da comunicação, da educação, da pastoral urbana; os novos areópagos, simbolizados pelas muitas “vozes que falam”, nas diversas instâncias de decisões, na economia, no direito, na política, na cultura, nas artes, no trabalho, na presença dos cristãos na vida pública, no compromisso político dos leigos por uma cidadania plena na sociedade democrática.

### 3 EM BUSCA DE UMA SÍNTESE

#### 3.1 UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Com a queda dos primeiros pais, toda realidade criada deixou de ser um sacramento, ou seja, um sinal visível de uma realidade maior, transcendente. Desse modo, a humanidade como que fechou-se sobre si mesma, utilizando os recursos disponíveis sem atribuir-lhes uma função, um sentido, maior. Assim foram vividos muitos sistemas políticos, econômicos e sociais.

Mas a Revelação divina sempre apontou para o caminho inverso, mostrando que toda conduta humana, quando desvinculada do seu sentido último, provoca inevitavelmente uma chaga em toda criação, de modo especial, na esfera humana, haja vista que vilipendia diretamente a criatura que é detentora da imagem e semelhança de seu Criador.

O que propõem aqueles que tomam parte no processo de libertação é, como já o recordamos, “criar um homem novo”. Procuramos responder à nossa primeira interrogação: que sentido tem, à luz da palavra acolhida na fé, essa luta, essa criação? Podemos perguntar agora: que significa esta opção pelo homem?<sup>65</sup>

Todo esforço da religião judaico-cristã, portanto, é transformar, recriar, pela graça, o homem fechado sobre si mesmo. Esse fechar-se sobre si mesmo não passa sem fazer seus efeitos na história humana. A teologia da graça e a doutrina do Corpo Místico de Cristo – que é a Igreja – nos ensinam que, por mais íntimo, secreto, escondido, que seja um pecado, terá, no entanto, suas consequências no tecido social. Muito mais

---

<sup>65</sup> GUTIÉRREZ, 1985, p. 157.

devastadora, logicamente, quando este pecado se utiliza de estruturas de gestão humana, de lideranças, dos detentores do poder, dos meios destinados ao sustento e à promoção humana em todos os seus âmbitos.

Esta “opção pelo homem” não quer dizer um antropologismo esvaziado do seu verdadeiro e real significado. Colocar o homem no centro da reflexão teológica, especialmente os mais vulneráveis, os mais fracos, os mais desvalidos, é também, em certa medida, restabelecer a ordem da criação, a harmonia de todas as criaturas para que elevem a Deus o seu devido louvor. Toda Sagrada Escritura, ao mesmo tempo que revela o verdadeiro Deus, revela também o homem a si mesmo, seu valor, sua dignidade, sua grandeza, sua importância como depositário da graça e cuidador da Criação, de acordo com o mandamento divino de cultivar a terra.

Esta foi também a preocupação e o esforço da Igreja, especialmente por meio da sua Doutrina Social, do ensinamento dos Santos Padres e de todos os que realmente absorveram e assimilaram o verdadeiro sentido do cristianismo, no qual o Filho de Deus assumiu a humanidade para recriá-la. Deus se inclinou, para que a humanidade fosse elevada.

Tendo isso em conta, havíamos lembrado anteriormente como a teologia tende a cada vez mais refletir sobre os aspectos antropológicos da revelação. Mas a palavra não é só palavra sobre Deus e *sobre* o homem, é verbo *feito* homem. Se o humano é iluminado pela palavra, é precisamente porque ela chega a nós através da história humana; é indiscutível, diz G. von Rad, que “a história é o lugar em que Deus revela o mistério de sua pessoa”. A história humana será, então, também, o espaço de nosso encontro com Ele, em Cristo. Evocar a evolução da revelação sobre a presença de Deus, no meio de seu povo, ajudar-nos-á a determinar a forma que reveste este encontro na história. Presença e encontro que impelem para a frente o devir da humanidade, mas que celebramos no presente enquanto alegria escatológica<sup>66</sup>.

As conferências episcopais na América Latina e Caribe seguiram essa mesma linha de reflexão, voltando a chamar a atenção para as condições indignas nas quais

---

<sup>66</sup> Idem, *Ibidem*.



sobrevivem milhões de pessoas. Diante dos novos desafios, o leque dos excluídos foi se ampliando, devido às recentes modificações sociais ocorridas em tempo relativamente curto. São os novos rostos dos pobres. Embora sejam novas as facetas da pobreza, o problema permanece o mesmo. A identidade da chaga é a mesma, bem como sua raiz profunda, sua causa mais íntima.

Deus revelado na Sagrada Escritura não é uma divindade sem contato com a criação, uma espécie de motor imóvel aristotélico, indiferente a suas criaturas, mas é um Deus pessoal, um Deus que se relaciona, um Deus que, acima de tudo, é e quer se fazer comunhão com a humanidade.

O Deus da Bíblia é um Deus próximo, de comunhão e de compromisso com o homem. A presença ativa de Deus no meio de seu povo faz parte das mais antigas e persistentes promessas bíblicas. Seja no quadro da primeira aliança: “Habitarei no meio dos filhos de Israel e serei para eles Deus. E reconhecerão que eu sou Javé, seu Deus, que os tirei do país do Egito para estabelecer minha morada entre eles. Eu, Javé, seu Deus” (Ex 29, 45-46; cf. Lv 26, 11-12); seja no anúncio da nova aliança: “Junto a eles estará minha morada, serei seu Deus e eles serão meu povo. E saberão as nações que eu sou Javé, que santifico a Israel, quando meu santuário estiver para sempre no meio deles” (Ex 37, 27-28). Esta presença, muitas vezes com o matiz de habitação, isto é, de presença em lugar determinado (*Shekinah*) marca o tipo de relação que se estabelece entre Deus e o homem.<sup>67</sup>

Os passos de Jesus Cristo em sua Paixão mostram de modo muito claro e inequívoco a presença e comunhão toda especial de Deus com aqueles que sofrem. A pergunta pelo sentido do sofrimento humano só tem sua resposta definitiva no mistério da Cruz. Todo homem que sofre, que experimenta a pobreza em sua crueldade mais alarmante, é confortado pela comunhão toda especial de um Deus que também sofre, que sente em sua humanidade as agruras de seus irmãos. Esta é uma verdade carregada de esperança.

---

<sup>67</sup> Idem, 1985, p. 158.

Mas desde o abismo deste escândalo surge também a experiência da esperança, a confissão de Deus como futuro absoluto, ou em linguagem tipicamente latino-americana, como libertador, em que se pode pôr a esperança. Na Igreja dos pobres existe esperança. Certamente não é uma esperança ingênua, pois essa mesma Igreja surge ali onde parece que só poderia surgir o desespero ou a resignação. Mais ainda, a Igreja dos pobres faz a experiência diária de que as coisas vão mal para o justo, de que se oprimem os pobres que lutam por sua dignidade, como se oprimem também os que se solidarizam com eles. Pareceria que o poder opressor tivesse a última palavra sobre a história. Compreende-se que nessa situação manter a esperança só é possível sob aquela modalidade cristã da esperança que Paulo denomina “contra esperança”. Mas se compreenderá também que aqui se dá a oportunidade estrutural de aproximação àquilo que há de escândalo em Deus. A obscuridade típica da fé, o que há de *sacrificium intellectus* também na fé, será mediado pela negra obscuridade da esperança. Mas se compreenderá também que se apesar disso e através disso se mantiver a esperança, então se fará uma profunda experiência sobre a totalidade da história e da própria existência. Não se trata de aceitar um final feliz, nem de se confiar em mecanismos otimistas, mas de algo muito mais profundo. Trata-se de aceitar que, no fundo da realidade existe a verdade, o amor e a justiça e que isso não pode morrer. Trata-se de afirmar que no fundo da realidade está realmente o mistério de Deus, mas um mistério que tocou o fundo do abismo e a miséria da realidade. O importante da Igreja dos pobres não é que se explicitem ou não estas formulações, que se usam estas ou outras, mas que de fato se mantenha a esperança. Então existe uma mediação para a experiência de Deus, uma experiência de que seu silêncio não é a última palavra sobre a história, de que o verdugo não triunfará sobre a vítima.<sup>68</sup>

Acompanhando o caráter dinâmico do campo social, onde certas realidades tornam-se cada vez mais complexas e variadas, apresentando, assim, novos matizes, novos rostos, novas configurações e arranjos, as Conferências Episcopais latino-americanas foram, ao longo de décadas, desenvolvendo e redefinindo o conceito do pobre, sendo este a opção preferencial de toda a Igreja latino-americana.

Em pouco tempo, houve mais mudanças do que em séculos anteriores. Estas mudanças, por sua vez, transformaram radicalmente o campo social, tornando-se motivo de preocupação dentro da eclesiologia. Dessa forma, a pobreza e, em virtude dela, os marginalizados, tornaram-se como que a própria identidade da Igreja na América Latina.

---

<sup>68</sup> SOBRINO, 1982, p. 162.

Após longo período de verdadeira ignorância da própria realidade, deixando para trás breve momento de otimismo induzido e interessado, está-se chegando na América Latina a uma compreensão menos parcial e anedótica, mais global e estrutural da própria situação. A mais importante mudança no conhecimento da realidade latino-americana estriba-se em não nos limitarmos a simples e lamentosa descrição, com o conseqüente acúmulo de dados e estatísticas, em não nos iludirmos com a possibilidade de caminhar suavemente e por etapas preestabelecidas rumo a uma sociedade mais desenvolvida. A novidade está em darmos atenção preferencial às causas profundas da situação, consideradas em perspectiva histórica. Este é o prisma que se começa a adotar na América Latina diante do desafio de uma situação cada vez mais difícil e contraditória.<sup>69</sup>

O episcopado latino-americano manifestou sua preocupação em relação a essa pobreza cada vez mais crescente, principalmente pelo fato de que essa situação de miserabilidade se dava dentro do meio católico: os que eram explorados e os que geravam a situação de pobreza. A Conferência de Medellín foi a caixa de ressonância desta preocupação. Medellín teve por objetivo fazer uma Igreja mais autônoma na reflexão das realidades locais, bem como que na Sagrada Escritura a adoração do verdadeiro e único Deus não estava desvinculada à preocupação pelos pobres e marginalizados. Os grandes personagens da História da Salvação que aparecem na Sagrada Escritura escandalizam-se com a situação da pobreza, não permanecendo indiferentes a ela, bem como os bispos em Medellín não fecharam os olhos para essa chaga escandalosa geradora de miséria que é sinal de ruptura da aliança com Deus.

A Conferência de Puebla ocorrera pouco tempo depois da eleição do novo Sumo-Pontífice, João Paulo II, que demonstrara um olhar atencioso ao povo latino-americano, quando desembarca em São Domingos. Os pobres, destinatários desse olhar misericordioso do Pontífice, são os camponeses, os marginalizados, os doentes e também aqueles que, mesmo em meio a inúmeros obstáculos, colocam em prática os ensinamentos do Evangelho, com um sentido humano todo especial.

Seguindo a esteira de Medellín, Puebla se volta ainda mais aos pobres, incluindo também os jovens, a comunhão e participação e uma atenção toda especial à dignidade do homem. Pobre é aquele que sofre uma tentativa de eliminação de sua dignidade

---

<sup>69</sup> GUTIÉRREZ, 1985, p. 75.

essencial. A Revolução Verde e o êxodo rural são os produtores diretos de bolsões de pobreza, principalmente nas grandes cidades, trazendo consigo uma perda cultural de grandes proporções.

Novas situações de pobreza começam a surgir, como crianças abandonadas, os abortados, os desassistidos, maltratados, a partir do ver-julgar-agir presente nesta Conferência. Atenção especial também se dá aqui ao jovem, futuro do continente, ao índio e ao negro. Novas configurações do pobre começam a surgir e ser um sinal de atenção por parte da Igreja.

Puebla se preocupa muito também com os trabalhadores que, receosos de perderem seus empregos, abriram mão de seus mais básicos direitos no intuito de entrarem na lógica do sistema. O idoso também tem um lugar especial na Conferência, visto ser ele como que “depositado” em casas geriátricas, por perderem sua capacidade de produção. Assim, muitos outros novos rostos de pobre foram introduzidos nesta Conferência.

Mas acontece periodicamente que o Senhor ressuscitado, precisamente porque é e continua sendo o ressuscitado, aparece à Igreja em determinadas épocas históricas e volta a dar-lhe vida. A experiência da ressurreição do crucificado não é somente coisa da primeira geração de discípulos, mas algo que a Igreja faz em momentos privilegiados de sua história. Como Paulo, é derrubada de sua história passada, e como Paulo se lhe concede a graça de superar sua cegueira, recuperar a visão e encher-se do Espírito Santo (cfr. At 9, 1-19).<sup>70</sup>

Diante das grandes e profundas modificações na vida social, e celebrando os quinhentos anos da evangelização nas terras da América Latina, a Conferência de Santo Domingo segue os trabalhos iniciados em Medellín e Puebla, traçando também as linhas gerais da ação evangelizadora nestas terras.

---

<sup>70</sup> SOBRINO, 1982, p. 94.

Esse panorama de significativas mudanças sociais é o ponto central da preocupação de Santo Domingo. Modificações sociais, novos desafios, novas perguntas, tudo isso faz surgir ou ser objeto de reflexão da Conferência, bem como novos destinatários da ação evangelizadora os setores vulneráveis da sociedade, como os migrantes, as populações sem atenção sacerdotal e alto índice de ignorância religiosa, pessoas simples ou com problemas materiais e familiares.

Bem claro está nesta Conferência que a causa geradora de sofrimento e de pobreza na sociedade é a incoerência entre a fé professada e a vivência cotidiana dessa fé, em qualquer âmbito onde se envolve relações humanas. Essa foi a preocupação dos bispos. O pleno conhecimento de Jesus Cristo se dará quando homens e mulheres passarem de condições menos humanas para condições mais humanas e humanizantes.

Qualquer ação, seja através da educação, da conscientização, da organização, da vida política, que conduza efetivamente à criação de um mundo mais de acordo com o ideal do reino, é evangelização. Com isso nos distanciamos de uma concepção da ação cristã que seja ou mera exigência ética da evangelização, ou mera preparação para que através dela se aceite o anúncio.<sup>71</sup>

Aos 13 de maio de 2007 teve início a IV Conferência do Episcopado Latino-americano e caribenho na cidade de Aparecida, em São Paulo, cujo tema foi: “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo, 14,6)”.

Bento XVI, revitalizando o ânimo dos brasileiros com sua paterna presença de Pastor, afirmou que “o continente da esperança se torne o continente do amor”. O fenômeno da globalização é abordado em seus aspectos positivos e negativos, haja vista que ele expressa a ânsia da humanidade pela unidade, mas também traz consigo os riscos dos grandes monopólios e a busca do lucro a qualquer preço, como uma valor supremo, em detrimento da dignidade da pessoa humana.

---

<sup>71</sup> Idem, 1982, p. 273.

Outros âmbitos e situações sociais também foram abordados pelo Sumo Pontífice, como família, sacerdotes, leigos, jovens, religiosos, problemas políticos e econômicos e convidou a todos a serem “discípulos e missionários” de Cristo. Seguindo Medellín e Puebla, a V Conferência deu um acento especial à opção preferencial pelos pobres. Diante do fenômeno da globalização e em consequência dele, novos rostos de pobre emergem: os migrantes, as vítimas de violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os tóxicos-dependentes, idoso, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas de exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os mineiros.

Confrontando-se com esse cenário extremamente desafiador, a Igreja lança o apelo à missionariedade, nos passos de Jesus Cristo, para que estas complexas situações sejam permeadas pelo amor de Deus, de acordo com as palavras de Bento XVI, de que este continente se transforme em continente do amor.

Se o anúncio tem como conteúdo genético um Deus que é amor, então essa palavra não só pode ser dita, mas também feita. Falar sobre o amor de Deus aos homens, sem uma práxis concreta desse amor para com eles, é cair de novo no gnosticismo que antes condenávamos; e isso se torna ainda mais agudo sobretudo quando o destinatário é secularmente oprimido.<sup>72</sup>

Desde o Concílio Vaticano II, passando pelas Conferências episcopais até os dias de hoje, percebe-se que o quadro social sofreu mudanças significativas. E, apesar de serem mudanças muito profundas, deve-se considerar que foram realizadas em um período relativamente curto da história, ou seja, de apenas algumas décadas. Chega-se a falar que a humanidade neste período não só vive uma época de mudanças, mas uma

---

<sup>72</sup> Idem, Ibidem.

mudança de época, ultrapassando a pós-modernidade, e gerando uma desorientação na busca do homem pelos valores. Secularismo, indiferentismo, globalização, etc., são fenômenos que preocupam os pastores, já que são confiados por Deus a guardar o Seu rebanho, promovendo a sua dignidade e integridade.

Este é o fio condutor das Conferências, a preocupação constante da Igreja ao longo destes últimos cinquenta anos. A situação de pobreza presente no mundo ao longo de toda sua história é, portanto, consequência da quebra da aliança estabelecida com o Criador, é sinal de que a humanidade está enferma, e que substituiu o Deus verdadeiro pelo deus do interesse próprio, do egoísmo, do fechamento. Em uma palavra, a uma atitude completamente anti-humana, desumanizante, alienante.

Pode-se afirmar que a concepção acerca da pobreza e do pobre cresceu exponencialmente ao longo do percurso eclesial na América Latina. Percebe-se muito claramente um aprofundamento na dimensão política e ética no tema da pobreza. Ao usar a expressão “opção pelo pobre”, a Igreja na América Latina elaborou um verdadeiro programa missionário e libertador. O próprio sujeito eclesial se redesenhou, ao se perceber que o pobre não é apenas destinatário, mas sujeito da evangelização, e assim, se faz a “Igreja pobre dos pobres”. O tema dos pobres trouxe consigo todo um enriquecimento de “rostos” e percepções sociais que permitiu um novo engajamento da Igreja. A Conferência em Aparecida acolheu todo esse percurso teológico e pastoral e apontou a continuidade desse caminho missionário.

Por ocasião da V Conferência em Aparecida, o Papa Bento XVI havia feito o apelo de transformar o continente Latino-americano de continente da esperança a continente do amor. O Deus revelado nas Sagradas Escrituras se mostra como Aquele que cumpre esse anseio, porque é essencialmente comunicação, relação, pessoalidade, contato. Em uma palavra, é Deus-comunhão, é Deus amor. Amor que se manifesta de modo mais íntimo ao pobre, ao sofredor, ao excluído e marginalizado. E é exatamente neste ambiente eclesial que os dois conceitos de pobreza expressos na Sagrada Escritura se apresentam: a pobreza como condição social e a pobreza também, e acima de tudo, como atitude de disponibilidade, de abertura, de escuta, de infância para com Deus.

Mas a Igreja dos pobres mostra também o lugar de compreender a Deus, para que a fé seja *obsequium rationabile*. As experiências que mencionamos: a concentração e urgência do amor e a justiça, a criatividade na história, a esperança que não morre, tornam “razoável” o Deus em cujo nome se realizam. Nessas experiências, o sujeito chega a si mesmo desencadeando uma história positiva, ou seja, introduzindo-se na corrente da vida e da criação da vida. Dessa forma, a fé não é alienante, faz justiça ao mais positivo da história e desencadeia verdadeira história. E correlativamente, o mistério de Deus se mostra “razoável” ao corresponder ao mais verdadeiro da história.<sup>73</sup>

Após o Concílio Vaticano II, com os movimentos de renovação das comunidades eclesiais, especialmente as de base, com uma releitura positiva e transformante da Palavra de Deus, animados pela reflexão teológica e os contributos da Teologia da Libertação, o pobre é reconhecido como um lugar teológico, e nessas comunidades ele faz e testemunha essa experiência divina, não como algo que cria ilusões, que encobre as raízes do mal, da opressão, mas como um encontro com a verdade e a justiça. O homem aqui é transformado por esta experiência, e essa transformação do homem, por sua vez, transforma as realidades estruturais, tanto políticas, como econômicas e sociais e, também, não menos importante, uma transformação no seio eclesial.

A América Latina tem uma característica peculiar que facilita sobremaneira essa experiência de uma teologia libertadora. Um povo periférico, que ao longo da história sofreu espoliações, mas que não perde a alegria e a confiança no Deus bíblico, que conduz o povo escolhido em meio ao deserto, rumo à Terra Prometida.

Em nível teológico recolhe o que está constituindo a experiência da fé na América Latina. O conteúdo da *fides quae creditur* é o Deus da vida, concretizado e relacionado em seus diversos aspectos como Deus criador, Deus crucificado e Deus libertador. E na correspondência a esse Deus está se desenvolvendo a *fides qua creditur*, isto é, a entrega do homem a Deus na fé, como seguimento de Jesus, de quem se diz que é a testemunha primordial da fé, “pioneiro e consumidor da fé, que, em vez da alegria que lhe foi proposta,

---

<sup>73</sup> Idem, 1982, p. 165.



sofreu a cruz, desprezando a ignomínia” (Hb 12,2).<sup>74</sup>

Muito embora tenha enfrentado momentos de extrema dificuldade e pobreza, o povo latino-americano é depositário de uma esperança especial. Apesar de o mal ser uma realidade rejeitada pelo Deus da vida, o povo sabe que, caminhando no seguimento do Crucificado, chegará ao dia da ressurreição. Sabe também que não há mal sem que Deus tire dele um bem muito maior. Essa certeza não tira o olhar ao futuro, à posse do Reino definitivo, mas também não impede que se viva o presente como uma experiência de amor, como uma experiência que desinstala, que provoca, que interpela, que não permite a indiferença, o desânimo, o derrotismo.

As pequenas comunidades eclesiais de base, a partir dessa releitura da história salvífica, aplicada no hoje de sua história, adquire forças para militar em meio às suas dificuldades e desafios. Elas mostram e testemunham o Deus da vida em meio a uma cultura de morte e de pecado. Com um cuidado e atenção todo especiais ao cuidado da vida e da criação, essas comunidades aproximam o mundo do projeto originário de Deus, onde todos tivessem a posse plena da vida e de suas condições básicas, sem interesses conflitantes alimentados pelo egoísmo.

Dessa forma está se revalorizando, embora talvez inconscientemente, uma autêntica teologia da criação. Nessa teologia não se trata de voltar a teologias criacionistas que ignorem o pecado que atravessa a criação objetiva e favoreçam um desenvolvimento linear da história a partir dos germes dinâmicos da criação. Isso não seria outra coisa senão avalizar teologicamente as teorias sócio-econômicas desenvolvimentistas. Trata-se, antes, de ver na criação a primeira mediação – lógica – da realidade de Deus. Trata-se de ver na criação a primeira manifestação do Deus de vida, e de vê-la ali onde frequentemente é ignorada pela teologia: o próprio fato de viver e chegar a viver, o trabalho, o uso da natureza e seus recursos ao serviço do homem. Trata-se de não cair na armadilha de uma escatologia precipitada e de voltar à sobriedade da protologia. Pois o problema real da América Latina não é que a escatologia não tenha chegado, mas que as realidades e valores presentes na origem não chegaram a ser.<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> Idem, 1982, p. 169.

<sup>75</sup> Idem, 1982, p. 171.

Todo esforço teológico Latino-americano é um esforço de aproximação e de revalorização da criação diante do Criador. A rica biodiversidade, a riqueza dos inúmeros povos, com suas culturas respectivas, suas peculiaridades, não são mais vistas com hostilidade, como obstáculo e até ameaça à fé, mas, muito pelo contrário, como provenientes da mesma origem, de uma origem divina. Uma das inúmeras provas dessa aproximação desejada por Deus foi e é a voz profética dos pastores latino-americanos, como Bartolomeu de las Casas, que não mais via no índio um povo pagão, infiel, hostil à fé, mas como oprimido, como portador do rosto do Crucificado.

A Teologia da Libertação desenvolve e encoraja o esforço por vincular a crença ao testemunho. Não há verdadeira fé sem um testemunho autêntico, verdadeiro, corajoso, que enfrenta as estruturas do mal, da opressão, da morte, do pecado. A instalação do Reino é uma prioridade, com a qual todos os povos, especialmente os oprimidos, terão vida em abundância, em conformidade com a promessa evangélica.

A defesa de superestruturas são impostas e defendidas em detrimento da dignidade humana, e são elevadas, com sua pretensão à durabilidade e estabilidade, a verdadeiras divindades. Essa imposição aos povos mais fracos faz ecoar o seu clamor, e nestes últimos anos pode-se pensar essa realidade em categoria teológica, através da teologia da libertação. É uma via que enxerga a realidade, mesmo a mais opressora, na ótica da história salvífica.

E a relação entre experiência de Deus e testemunho da vida justa torna-se mais clara na América Latina porque a própria injustiça estrutural é sancionada teologicamente, embora isso se faça implícita ou explicitamente. As atuais estruturas imperantes, o capitalismo dependente e a segurança nacional, em qualquer de suas formas, agem como verdadeiras deidades e com seu próprio culto. São deidades porque se atribuem a si mesmas características que competem somente a Deus: extremidade, definitividade, intocabilidade. E têm seu próprio culto porque exige o sacrifício diário das maiorias e o sacrifício violento daqueles que lutam contra elas.<sup>76</sup>

---

<sup>76</sup> Idem, 1982, p. 173.

O povo da América Latina tem, portanto, à luz da Palavra de Deus, do Concílio Vaticano II, das Conferências episcopais, da doutrina social da Igreja e da reflexão teológica, principalmente voltada para a práxis transformadora, engajada em projetos políticos que visam a real transformação em vista do bem comum dos povos, essa missão tão nobre de ser o portador da Boa-Nova, da esperança, do amor e da concórdia. Numa época em que ondas consideráveis de migrantes deslocam-se de um lugar para outro, sendo um novo rosto do pobre nos dias de hoje, a humanidade tem que se sentir co-irmanada, pertencente a uma mesma origem, habitando a mesma casa, usufruindo dos mesmos bens e direitos, em conformidade com o projeto original do Pai. Por isso também a teologia de hoje busca uma maior atenção ao meio-ambiente, que possui seu valor criatural e a finalidade de elevar junto aos homens um eterno sacrifício de louvor.

Urge uma total mudança de mentalidade, de valores, de propósitos e aspirações, superando o egoísmo gerador de insegurança, de doenças, de sofrimentos e dores desnecessários. Nesse sentido salienta-se a importância de uma teologia que seja revolucionária, que transforme pela raiz, eliminando na base os germes do mal e da opressão. Mas esse processo inicia-se com a conversão individual, com o desapego, com a erradicação da ganância e do fechamento, para que toda pessoa seja, de fato, humana, isto é, dentro do que se chama de uma verdadeira antropologia teológica, em atitude de abertura livre que é própria do amor.

## CONCLUSÃO

Ao concluir esse trabalho sobre os pobres nas Conferências Episcopais ocorridas na América Latina e Caribe lembramo-nos de Jesus que é a vida da Igreja. No seu Evangelho o Senhor diz: “Pois sempre tereis pobres convosco; mas a mim nem sempre tereis” (Jo 12, 8). Com efeito, pode-se entender que pobres sempre existirá. Outra interpretação dá conta de posse, ou seja, sempre a Igreja os terá para serem auxiliados e promovidos. Sendo assim, a tradição bíblica é um norte. Tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, os pobres sempre foram tema relevante: os *anawims*, os encurvados, os hebreus pobres, citados pelos profetas.

Já no Novo Testamento, Jesus trata inúmeras vezes do tema (cf. Mt 6, 24; 13,22; Lc 6, 20-24 e 12, 15-21; Rm 14,6-8 e 1Tm 4 ,4) e ao instaurar o Reino de Deus quer fazer justiça aos pobres, libertar oprimidos e aflitos. O reino representa, entre outras coisas, modificar as estruturas que impedem o homem ser livre numa nova ordem social e econômica.

A Doutrina Social da Igreja também trata, com muito apreço, a situação dos que estão à margem da sociedade. As questões econômicas e relações de trabalho devem ser qualificadas e não somente quantificadas em acúmulo (cf. CDSI 334). No seu humanismo integral, a Igreja quer proteger o homem espiritualmente e materialmente, dando-lhe condições de ser agente próprio em suas buscas.

Neste sentido, a Igreja, sabiamente, convocou as Conferências do Episcopado para cuidar melhor da evangelização nestas terras do novo continente. Em algumas Conferências fica de forma mais implícita o rosto do pobre. Em outras, especialmente em Aparecida, nos é dado o rosto do Cristo no pobre de forma mais explícita.

A primeira Conferência ocorreu no Rio de Janeiro em 1955. Os bispos reuniram-se para tratar, mais especificamente da questão das vocações sacerdotais. O pequeno número de padres diante das necessidades, a qualidade da formação do clero, questões específicas dos religiosos e os leigos motivaram a Conferência do Rio de Janeiro. Uma preocupação era a organização pastoral (ação Católica) nas comunidades além do

avanço dos protestantes. A questão social também foi abordada, principalmente no tocante a imigração.

Já em Medellín (1968), destacou-se a promoção humana, com os temas da família, da justiça e da paz. Medellín é um farol para a Igreja da América Latina nas questões de promoção humanas e social. Recolhemos, aqui, de forma implícita o rosto do pobre ao destacar o tema principal sendo a opção pelos pobres.

Puebla foi convocada por Paulo VI, mas coordenada por João Paulo II. Os bispos utilizaram como base para a Conferência o documento *Evangelii Nuntiandi*, que possuía o método ver-julgar-agir e que é, certamente, um dos documentos que mais visibilize esse método dada a sua didática. O “ver”, na Conferência, foi aplicado ao sócio cultural e suas necessidades, as tendências da evangelização. O “julgar” trata sobre os desígnios de Deus na evangelização, seu conteúdo e, o que mais se tratou: “o que é evangelizar?” A terceira parte do documento, “agir”, trata da comunhão e a participação. O documento de Medellín é retomado logo a seguir, na quarta parte, quando Puebla lança mão da opção preferencial pelos pobres. É a Igreja missionária e evangelizadora. Nesse sentido, a quarta Conferência do CELAM optou também preferencialmente pelos jovens. Puebla coloca luz sobre o planejamento pastoral da Igreja e de homem novo além da Evangelização.

Já em 1992 a Igreja se reuniu na República Dominicana, especificamente na cidade de Santo Domingo. A quarta Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho. A Nova Evangelização e os quinhentos anos de evangelização na América estava em foco. O método ver-julgar-agir não foi utilizado nesta assembleia que, foi muito mais teológica que as anteriores. A promoção humana e a cultura cristã estiveram no foco central desta conferência. Santo Domingo relacionava alguns desafios: inculturação do Evangelho, os temas da corrupção, a má distribuição de renda, a deterioração da dignidade humana, desrespeito moral e cultural.

A última Conferência realizada pelo CELAM se deu no Brasil, em Aparecida em 2007. Volta, nela, o método ver-julgar-agir. Convocada por João Paulo II foi realizada com Bento XVI. A grande temática foi o discipulado e a missionariedade da Igreja que deve ser expressa nas paróquias. Com efeito, Aparecida é a Conferência que melhor

apresenta o novo rosto dos pobres. Ela é explícita, para que não haja dúvida; para que ninguém pense, erroneamente, que pobre é aquele que não tem recursos para consumir. Aparecida diz:

os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e seqüestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os tóxico-dependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os trabalhadores das minas (DAp 402).

Pode-se afirmar que a concepção acerca da pobreza e do pobre cresceu exponencialmente ao longo do percurso eclesial na América Latina. Percebe-se muito claramente um aprofundamento na dimensão política e ética no tema da pobreza. Ao usar a expressão “opção pelo pobre”, a Igreja na América Latina elaborou um verdadeiro programa missionário e libertador. O próprio sujeito eclesial se redesenhou, ao se perceber que o pobre não é apenas destinatário, mas sujeito da evangelização. O tema dos pobres trouxe consigo todo um enriquecimento de “rostos” e percepções sociais que permitiu um novo engajamento da Igreja. A Conferência em Aparecida acolheu todo esse percurso teológico e pastoral e apontou a continuidade desse caminho missionário.

Para finalizar, portanto, desde o Concílio Vaticano II, passando por Medellín até a Conferência de Aparecida, a Igreja Latino Americana teve um cuidado muito grande com a questão dos pobres. De forma, ora mais implícita, ora de forma mais explícita, buscou – incessantemente por meio de muitos alertas – meios para que a dignidade fosse restaurada e mantida de forma plena. Em todas elas a face do Cristo e seu Evangelho mostra que é possível superar a miséria que se apresenta de tantas formas: a questão do trabalho, das crianças e jovens, dos valores perdidos, os conflitos por terras, a exploração pelo lucro, as ditaduras, a corrupção (mal gerador de tantos outros males), a falta de saúde, saneamento, transporte, remédios, a prostituição infantil, a pornografia,

o tráfico de drogas e de pessoas. O pensamento sobre o pobre e a pobreza ganhou em densidade, passando por momentos de maior intensidade político-social para uma consideração mais ampla sobre os vários “novos rostos do pobre”. São muitos anos de lutas para conscientizar e mudar vidas. Vida essa que vem de Deus, e que Cristo, nosso Senhor e Deus quer que tenhamos plenamente.

## REFERÊNCIAS

ALBERIGO, Giuseppe; JOSSUA, Jean-Pierre. *Il Vaticano II e la Chiesa*. Brescia: Paideia Editrice Brescia, 1985.

BEOZZO, José Oscar. *Pacto das Catacumbas: por uma Igreja servidora e pobre*. São Paulo, SP: Ed. Paulinas, 2015.

BOFF, Leonardo. *A recepção do Vaticano II no Brasil e na América Latina*. Grifo do autor. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/515620-a-recepcao-do-vaticano-ii-no-brasil-e-na-america-latina>>. Acesso em 21/09/2019.

BOFF, Leonardo. *Do lugar do pobre*. 3. ed. Petrópolis, RJ: ed. Vozes (Teologia (Série); 22), 1986.

BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BETO, Frei. *O que é comunidade Eclesial de Base*. 2. ed. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 1981.

BRITO, Ênio José da Costa. *O leigo cristão no mundo e na Igreja: estudo teológico-pastoral sobre o pensamento de Yves M. -J. Congar*. São Paulo, SP: ed. Loyola (Coleção Fé e Realidade, 7), 1980.

BRUNELLI, Delir. *Profetas do Reino: Grandes Linhas da Atual Teologia da Vida Religiosa na América Latina*. São Paulo, SP: ed. Conferência dos Religiosos do Brasil, 1986.

COMBLIN, José. *O Povo de Deus*, São Paulo, SP: Editora Paulus, 2002.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965, Roma). *Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da igreja*. Ed. Vozes, Petrópolis: RJ, 1966.



CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965, Roma). *Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje*. Ed. Vozes, Petrópolis: RJ, 1966.

CONGAR, IVES M. J. *Igreja Serva e Pobre*, ed. Logos: Lisboa, 1968.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 3. ed. Edições CNBB; ed. Paulinas; ed. Paulus, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo, SP: ed. Paulus, 2005.

DISCURSO DO PAPA BENTO XVI NA SESSÃO INAUGURAL DOS TRABALHOS DA V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE (13/05/2007), n. 4. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070513\\_conference-aparecida.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html)> Acesso em 21/02/2019.

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II NA ABERTURA DOS TRABALHOS DA IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (12/10/1992), n. 1. Disponível em <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19921012\\_iv-conferencia-latinoamerica.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.html)>. Acesso em 22/09/2019.

DUSSEL, Enrique. *De Medellín a Puebla: uma década de sangue e esperança*. São Paulo, SP: ed. Loyola (vol. 3: Em torno de Puebla: 1977-1979), 1983.

ENTREVISTA COM MARIA CLARA BINGEMER. Igreja que deseja ser ouvida numa cultura pós-cristã precisa ter um testemunho forte, crível e consistente, que acompanhe o discurso. *IHU EM FORMAÇÃO*, Rumos da Igreja Hoje na América Latina. Tudo sobre a V Conferência dos Bispos em Aparecida. (Ano III, n. 21). São Leopoldo: Unisinos, 2007, p.35. Disponível em: <[www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu](http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu)>

em-formacao/58338-rumos-da-igreja-hoje-na-america-latina-tudo-sobre-a-v-conferencia-dos-bispos-em-aparecida>. Acesso em 22/09/2019.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Pobres e libertação em Puebla*. São Paulo, SP: ed. Paulinas, 1980

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. Trad. Jorge Soares. 5 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1985.

LIBÂNIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: os anos que se seguiram*. Disponível em <[http://www.jbllibanio.com.br/modules/mastop\\_publish/\\_tac\\_99/](http://www.jbllibanio.com.br/modules/mastop_publish/_tac_99/)>. Acesso em 21/09/2019.

LIBÂNIO, João Batista. *Conferências gerais do episcopado latino-americano: do Rio de Janeiro a Aparecida*. São Paulo, SP: Paulus (Col. Temas da atualidade), 2007.

LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. 2. ed., São Paulo, SP: Ed. Loyola (Col. Fé e Realidade, 31), 1995.

LOPES GONÇALVES, P. S.; BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Concílio Vaticano II. Análise e perspectivas*. São Paulo, SP: ed. Paulinas, 2004.

LORSCHIEDER, Aloísio. *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo, SP: ed. Paulus (Col. Comunidade e Missão), 2005.

PAPA BENTO XVI. *Carta encíclica Caritas in Veritate do sumo Pontífice Bento XVI : sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade*. 2. ed., São Paulo, SP: Ed. Paulinas, 2009.

PEREIRA, Ricardo da Silva. *A missão da Igreja: do Concílio Vaticano II à conferência de Aparecida: um *aggionamento* necessário*. 112 f., p. 96. Dissertação (mestrado em Teologia). Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010.

PIXLEY, Jorge. BOFF, Clodovis. *Opção pelos Pobres*. Petrópolis, RJ: ed. Vozes, 1986.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio de doutrina social da Igreja*; trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo, SP: ed. Paulinas, 2005.

RUBIO, Alfonso García. *Teologia da libertação: política ou profetismo? : visão panorâmica e crítica da teologia política latino-americana*. 2. ed. São Paulo, SP: ed. Loyola (Col. Fé e Realidade, 3), 1983.

SOBRINO, Jon. *Ressurreição da Verdadeira Igreja: Os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo, SP: Ed. Loyola, 1982.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria Acadêmica  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [proacad@pucrs.br](mailto:proacad@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br/proacad](http://www.pucrs.br/proacad)